

A Praça do Emigrante – do esboço à projeção futura

Relatório de Estágio

Sílvia Prata Tavares

Mestrado em
Relações Internacionais
O Espaço Euro-Atlântico



A Praça do Emigrante – do esboço à projeção futura

Relatório de Estágio

Sílvia Prata Tavares

Orientadores

Prof. Doutor Carlos Eduardo Pacheco Amaral

Prof.^a Doutora Berta Maria Oliveira Pimentel Miúdo

Relatório de estágio apresentado à Universidade dos Açores para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico.



Agradecimentos

À minha família, eu devo todo o apoio durante o meu percurso pessoal, académico e profissional. Sem esse apoio, não teria chegado onde cheguei.

Aos meus orientadores, Doutora Berta Pimentel e Doutor Carlos Amaral, eu agradeço todas as horas extraordinárias dedicadas em apoio à composição deste relatório. Foi fundamental ter este alicerce para conseguir constituir todo este trabalho.

Ao presidente da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos (doravante AEAzores, AEA e Associação), Dr. Rui Faria, tenho a agradecer pelo voto de confiança que depositou em mim para desempenhar o melhor trabalho possível junto da Associação, enriquecendo o meu leque de competências e envolvendo-me numa esfera extremamente humana, em prol da ligação entre os Açores e a diáspora açoriana, honrando as nossas raízes e contribuindo para a preservação das mesmas junto das gerações futuras.

A todos os colaboradores da AEAzores, Paula Lima, Maria do Santo Cristo Correia, Ruben Moniz e Leonor Arruda, pela simpatia, prontidão e esforço colocados no trabalho que exercem sobre o tema da emigração açoriana, através do Museu da Emigração Açoriana e da Associação dos Emigrantes Açorianos.

Ao Dr. Luís Furtado, agradeço toda a paciência e trabalho depositados na produção do filme documentário, assim como os restantes membros da equipa do mesmo, estendendo os meus votos de agradecimento à Câmara Municipal da Ribeira Grande que dispôs dos seus recursos humanos e técnicos na elaboração deste projeto.

Aos meus professores do mestrado, Professor Doutor Luís Andrade, Doutor João Bosco Mota Amaral, Doutor Miguel Rocha, Doutor André Viveiros, Doutora Susana Serpa Silva, Mestre Pedro Faria e Castro e Mestre Nuno Lopes, eu estendo os meus agradecimentos pelo empenho e dedicação sem medida à arte da docência, em

circunstâncias desafiantes como as que foram experienciadas por todos nós durante os anos de 2020 e 2021.

Aos meus colegas de turma, eu deixo também um voto de agradecimento pela partilha e acompanhamento durante esta etapa que agora encerramos.

Aos meus amigos (eles sabem quem são), também devo reconhecer o seu apoio durante esta fase que apresentou os maiores desafios da minha vida ao nível pessoal, profissional e académico.

Ao meu colega de mestrado (também sabe quem é), que conheci no início desta fase complexa e que esteve ao meu lado durante todas as horas, neste último ano, devo também a minha gratidão.

A todos vós, dedico este trabalho. Muito obrigada.

“Vitality shows not only in the ability to persist, but in the ability to start over.”
(“A vitalidade é demonstrada não apenas pela persistência, mas pela capacidade de começar de novo.”)

F. Scott Fitzgerald

Resumo

O presente relatório de estágio incide sobre as atividades desenvolvidas durante o período de estágio realizado na AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos, na cidade da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, Açores, entre novembro de 2020 e janeiro de 2021, encerrando assim a componente não-curricular do referido Mestrado em Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico.

O objeto deste relatório contempla a produção do filme documentário, em colaboração com a AEA - Associação dos Emigrantes Açorianos, alusivo ao principal foco temático de estudo: a Praça do Emigrante, inaugurada no passado ano de 2020, no município ribeiragrandense.

Com o intuito de enquadrar o objeto de estudo nas áreas das Relações Internacionais e do Espaço Euro-Atlântico, e de uma maior compreensão do tema, procedeu-se à breve teorização de conceitos-chave evocados em matéria da emigração açoriana. Esta secção antecede o corpo principal do trabalho, isto é, o relatório do referido estágio e dos vários aspetos essenciais ao desenvolvimento do trabalho, desde os vários recursos metodológicos utilizados ao desfecho do mesmo e respetivos resultados.

Palavras-chave

Emigração açoriana; AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos; Praça do Emigrante; Ribeira Grande.

Abstract

This report focuses on the work developed in the course of the internship held at AEA - Azorean Emigrants Association, in the city of Ribeira Grande, on the island of São Miguel, Azores, between the months of November 2020 and January 2021, thus closing the non-curricular component of the master's degree in International Relations: The Euro-Atlantic Space.

The object of this report covers the production of a documentary film, in collaboration with the AEA - Azorean Emigrants Association, about the main subject of study: the Emigrant Square, inaugurated last year, 2020, in the municipality of Ribeira Grande.

In order to frame the object of study in the areas of International Relations and the Euro-Atlantic Space, and for a deeper understanding of the subject, we conducted a brief theorization of key concepts related to Azorean emigration. This section precedes the central part of the paper, i.e., the report of said internship and the several aspects essential to its development, from the different methodology used to its outcome and results.

Keywords

Azorean emigration; AEA - Azorean Emigrants Association; Emigrant Square; Ribeira Grande.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	vi
Abstract	vii
Introdução	1
Parte I – Enquadramento teórico	7
1. Desconstrução do conceito de emigração	7
2. Questões de identidade, <i>açorianidade</i> e cultura açoriana	9
Parte II. O projeto de estágio	13
1. Instituição de acolhimento	13
1.1. Uma breve abordagem ao associativismo	13
1.1.1. O caso concreto da Associação dos Emigrantes Açorianos (AEA)	15
1.1.1.1. Da fundação aos dias de hoje	18
1.1.1.2. O papel fundamental da AEA	19
2. O estágio	22
2.1. Concurso internacional ME & MOM IN AZORES	29
2.2. Praça do Emigrante: o filme documentário	32
2.2.1. Pré-produção	33
2.2.2. Produção	44
2.2.3. Pós-produção	69
Conclusão	71
Referências bibliográficas	76
Anexos	79
Anexo 1 – Fotografias ilustrativas do anteprojecto ao produto final da Praça do Emigrante	79
Anexo 2 – Guiões de entrevistas (documentário)	81
Anexo 3 – Fotografias (<i>backstage</i> do documentário)	94
Anexo 4 – Fotografias (capturas de ecrã do documentário)	105

Introdução

No vigésimo primeiro ano do século XXI, a sociedade açoriana, assim como outras sociedades do mundo, tem-se deparado com várias transformações inéditas e tempos de verdadeira mudança desde o virar do século com a globalização da era digital, sucessivas crises desde o surto pandémico da gripe A de 2009, passando pela crise financeira dos anos da *troika* à atual pandemia comumente designada por COVID-19. Contudo, em fase alguma das supracitadas situações se verificou grandes levas¹ de emigração açoriana como se assistiu nos séculos anteriores.

Remontando ao século XVI, podemos encontrar registos históricos de emigrantes açorianos rumo ao Brasil – à época, colonizado por Portugal –, o primeiro grande destino de eleição da emigração açoriana, como refere Gaspar Frutuoso, vigário e historiador ribeiragrandense, na sua célebre obra, *Saudades da Terra*, do mesmo século,

e o mesmo [Diogo Fernandes Faleiro], no ano de mil e quinhentos e setenta e nove. . . . como haviam sido já outros atrás, de que ficaram os moradores da ilha tão atribulados e pobres, que não se podiam manter nela, vendo ele alguns parentes seus em semelhante aflição, os persuadiu que se quisessem sair daquela miséria e se fossem para o Brasil (Frutuoso, 2011, pp. 26-27).

Assim como Diogo Fernandes Faleiro e os seus familiares, foram milhares e milhares de açorianos a seguir o mesmo rumo ao Brasil e países vizinhos como o Uruguai, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, seguindo-se as ilhas Bermudas e as ilhas “Sandwich” (Havai), em meados e finais do século XIX, respetivamente, e os territórios mais a norte do continente americano, nos séculos XIX e XX, a jovem nação dos Estados Unidos da América e o Canadá.

¹ Termo utilizado por Gilberta Rocha, no seu estudo demográfico durante os grandes períodos sistemáticos de emigração açoriana, para se referir às massas populacionais de açorianos que emigraram para os vários destinos preferenciais dos ilhéus. Fonte: Rocha, G. (2008). O crescimento da população e os novos destinos da emigração. Em A. T. Matos, A. d. Meneses & J. G. Leite (Dir.), *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX* (Vol. II, pp. 298-305). Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

Estas comunidades que se iam formando, a par e passo, nestes países de acolhimento, cresceram de tal forma que, hoje, podemos contar muitos mais açorianos nas comunidades da diáspora açoriana do que nas nove ilhas que formam o arquipélago dos Açores.

À medida que cresciam, todavia, mantiveram com toda a honra e amor a estas ilhas, as tradições socioculturais e religiosas que as unem, desde logo, as *Festas* do Espírito Santo, o culto ao Santo Cristo dos Milagres, as procissões religiosas, entre outras.

O orgulho em ser-se açoriano é evidente a cada vez que se visitam estas comunidades. São imensos os relatos dos que as visitam indicando que até alguns lugares como a cidade de Fall River, nos Estados Unidos, acolhem emigrantes açorianos que estão, de facto, “parados no tempo”. Este sentimento nostálgico que muitos deles nutrem leva-os, por vezes, a regressar ou ao desejo de regressar, um dia, às ilhas que os viram nascer.

São verdadeiras ligações transversais que fortalecem as relações entre as comunidades da diáspora açoriana e a *terra-mãe*. As *saudades da terra* são um denominador comum a grande parte destes emigrantes, senão a todos. É neste sentido que subsistem associações de solidariedade social de apoio ao emigrante açoriano como as Casas dos Açores, espalhadas pelos vários cantos do mundo, e a AEA - Associação dos Emigrantes Açorianos, sediada na *terra-mãe*.

Posto isto, centralizando-me no propósito de dar uma maior visibilidade ao trabalho desempenhado por instituições como a AEA, de forma direta, propus à Universidade dos Açores, através dos orientadores, Doutor Carlos Amaral e Doutora Berta Pimentel, bem como à direção da Associação, presidida por Rui Faria, o projeto de estágio que, segundo espero, culminará na atribuição do grau de mestre em Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico com a elaboração do presente relatório de estágio e o seu foco específico

no projeto impulsionado pela AEA da Praça do Emigrante, uma peça de arte pública monumental de homenagem ao emigrante açoriano.

Nesta decisão pesaram várias variáveis, desde logo, o interesse e aspiração por trabalhar numa dimensão mais prática da minha investigação de mestrado e de poder integrar uma esfera, um pouco despercebida, por vezes, no seio da nossa sociedade: o associativismo.

Adicionalmente, foi possível concretizar um passo mais além na jovem jornada profissional da autora: ter a oportunidade de trabalhar no “terreno” e de aplicar as várias ferramentas e capacidades adquiridas no percurso académico, bem como ao longo do contacto profissional que obteve com instituições culturais locais.

Os objetivos que presidiram a este projeto de estágio passaram por:

1. Aplicar os conhecimentos adquiridos na fase curricular do mestrado à esfera de ação associativa prática da AEA - Associação dos Emigrantes Açorianos;
2. Desenvolver mais competências ao nível da comunicação (digital, oral e escrita) nas várias incumbências exigidas no decorrer do estágio;
3. Incrementar aptidões de estratégias de marketing digital a algumas iniciativas do plano de atividades da instituição de acolhimento;
4. Recolher, pesquisar e tratar informação bibliográfica e documental, nos formatos impresso e/ou digital, de relevância para a elaboração do presente relatório de estágio, no que concerne a temática da emigração açoriana – de modo contextual histórico e teórico-científico –, a AEA, assim como o projeto da Praça do Emigrante;
5. Melhor perceber o funcionamento de uma associação sem fins-lucrativos de apoio ao emigrante a partir do seu âmago;

6. Contribuir de forma inovadora e empreendedora na área científico-acadêmica das Relações Internacionais com o recurso a novas metodologias de investigação;
7. Promover o projeto da Praça do Emigrante, quer através da composição e posterior publicação do presente relatório académico, quer através da colaboração na criação de um filme documentário sobre a iniciativa da AEA de homenagem ao emigrante açoriano, decorrente do aludido estágio.

Ao nível das metodologias utilizadas para o preparo deste relatório, conforme as declarações anteriores, a autora recorreu, inicialmente, à pesquisa e tratamento de informação impressa e digital de arquivo recolhida durante o estágio na AEA, mais concretamente, obtida através da consulta de materiais bibliográficos e infográficos no acervo da biblioteca e no arquivo documental eletrónico da mesma, bem como algumas fontes primárias, nomeadamente, as que computam informação sobre o projeto da Praça do Emigrante como o anteprojecto Saudades da Terra, a título de exemplo.

Num segundo momento, em concordância com a Associação dos Emigrantes Açorianos, foi determinado que a recolha de informação pretendida em prol da composição do presente relatório com foco na Praça do Emigrante seria estendida através da produção de um filme documentário sobre o projeto com recurso ao método de recolha de testemunhos orais – em formato de entrevista – em vídeo que visavam o levantamento de informações adicionais relativas às respetivas intervenções dos responsáveis pela peça de arte pública de homenagem ao emigrante açoriano que não constavam nas fontes analisadas, a princípio.

Em termos organizativos, no que diz respeito ao presente relatório de estágio, este está dividido, no seu tronco principal, em duas partes constituintes. Desse modo, a primeira serve em jeito de enquadramento teórico, onde se desconstroem os vários conceitos e valores evocados ao longo do relatório e, em especial, no ponto fulcral do mesmo,

concernente à Praça do Emigrante. A segunda parte é a componente principal deste trabalho, e sendo um relatório de estágio, ao contrário da dissertação puramente teórica, remete naturalmente para um tom narrativo e/ou descritivo significativo. Trata, a princípio, de modo contextual e analítico, a instituição de acolhimento do estágio com uma abordagem ao associativismo e o caso concreto da AEA, no que diz respeito ao seu papel na sociedade açoriana, a história da sua fundação e um balanço geral até aos dias de hoje, assim como o seu funcionamento, na teoria e na prática, e os objetivos prioritários da associação de apoio ao emigrante açoriano que celebrou recentemente dez anos de existência, no passado ano de 2020. Num segundo ponto da segunda parte do trabalho, a autora debruça-se sobre o estágio, primeiro, de forma mais sucinta, e depois, de forma mais pormenorizada, apresentando as atividades de maior destaque desenvolvidas ao longo do período de estágio na Associação dos Emigrantes Açorianos. Aqui, é aplicado um especial enfoque no projeto da Praça do Emigrante, de modo que se relata e desenvolve o processo de recolha de fontes de informação acerca do último de natureza mais prática: a origem, composição e apresentação do filme documentário sobre a praça monumental de homenagem ao emigrante açoriano, explorando e ilustrando as várias fases de produção do mesmo. À vista disso, é exposto, em simultâneo, através dos depoimentos filmados dos vários responsáveis pelo projeto, de forma analítica e objetiva – sem deixar de recorrer à parte teórica, científica e histórica inerente à investigação referida – o processo de construção da peça de arte pública pluridimensional que é a Praça do Emigrante, nas suas várias fases, desde a ideia e esboço do monumento *Saudades da Terra* de Luís Silva, artista e sócio fundador da Associação dos Emigrantes Açorianos, à praça icónica de calçada portuguesa que vemos hoje edificada, na cidade da Ribeira Grande. Num último momento desta parte referente ao projeto de estágio, é ainda estudado o impacto da criação da praça, nas várias dimensões que abrange, aos níveis

local, regional e internacional, em termos histórico-identitários, artísticos, turísticos e socioculturais.

No desfecho do presente relatório de estágio, são tecidas as considerações finais alusivas à investigação teórico-prática desenvolvida pela autora com o olhar crítico e a cientificidade de um trabalho desta natureza, contribuindo, assim, de modo diferencial e pertinente para a área das Relações Internacionais e para o estudo do Espaço Euro-Atlântico.

Parte I – Enquadramento teórico

Com o propósito de proporcionar ao leitor uma melhor compreensão do tema escolhido para trabalhar no presente relatório de estágio – a Praça do Emigrante – resolvi tecer algumas breves considerações teóricas acerca dos vários conceitos evocados na conceção do projeto em alusão ao emigrante açoriano, assim como aqueles que são partilhados pela população açoriana, através da história, identidade e cultura próprias, na sua génese.

1. Desconstrução do conceito de emigração

As migrações sempre existiram em diferentes momentos da história da humanidade e numa variedade de circunstâncias. Têm sido tribais, nacionais, internacionais, de classes ou individuais. Assim sendo, começaram a surgir os grandes êxodos populacionais, em que os emigrantes se fixam num país diferente, transportando a sua cultura e adotando a do país de acolhimento, gerando assim, um intercâmbio cultural. Assim nasce o conceito de emigração.

De acordo com a definição adotada pela Organização Internacional para as Migrações (OIM)², a emigração corresponde ao abandono ou saída de um Estado com a finalidade de se instalar noutro. As normas internacionais sobre direitos humanos preveem que toda a pessoa deve poder abandonar livremente qualquer país, nomeadamente o seu próprio, e que, apenas em circunstâncias muito limitadas, podem os Estados impor restrições ao direito de um indivíduo abandonar o seu território (OIM, 2009).

² Criada em 1951, a OIM é a principal organização intergovernamental no domínio das migrações e trabalha em estreita colaboração com parceiros governamentais, intergovernamentais e não-governamentais. Para mais informações, consulte a página oficial da OIM em: <https://www.iom.int/> Fonte: Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2021). *About IOM*. Disponível em: International Organization for Migration (IOM): <https://www.iom.int/about-iom>

Mas o que motivava as saídas em massa que se deram ao longo dos vários séculos, especialmente entre os séculos XVI e XIX culminando no seu apogeu no início do século XX, com origem na Europa rumo ao continente americano? (Cepeda, 1995, pp. 9-10).

Cepeda (1995) diz-nos que as principais causas para estes movimentos migratórios se traduziam nas mais diversificadas hipóteses:

- i. Espírito de aventura;
- ii. Fuga à fome, às intempéries, às perseguições políticas e religiosas;
- iii. Procura de solos férteis e terras menos povoadas;
- iv. Tentativa de arranjar emprego em países mais desenvolvidos;
- v. Melhoria das condições de trabalho e de salário;
- vi. Acumulação de poupanças com vista a um certo desafogo económico;
- vii. Satisfação de uma necessidade de conhecer novas terras.

O autor chega até mesmo a afirmar, baseado num estudo de Louis Baudin, (1957), que este movimento incessante de pessoas de terra para terra, de país para país, de continente para continente, transformou-se num elemento permanente da vida das sociedades, levando mesmo à declaração que dita que a “história é feita dos movimentos dos homens no tempo e no espaço” (Cepeda, 1995, pp. 9-10).

A história dos Açores não foge a este preceito. A história dos ilhéus açorianos é, na sua vasta quota-parte, a história da sua emigração. Rocha (2008) explana esta mesma ideia quando nos diz que salvo algumas excepcionais causas individuais da “aventura da partida” ou do “desejo de rasgar o horizonte de um mar imenso” no ato da emigração açoriana, a vasta maioria destes açorianos que pretendia sair tinha como motivo principal a “precariedade económica e as grandes clivagens sociais” que caracterizaram a sociedade

açoriana durante séculos (Rocha, 2008, pp. 288-289). Luís Silva (2021), antigo emigrante açoriano, comprova este entendimento:

Eu acho que também ser emigrante é ser açoriano. . . . Portanto, nós como ilhéus, e isto é comum a outros ilhéus, têm a vontade de sair fora da ilha, mesmo que estejam em boas situações. Independentemente, da maior parte da razão de sair fora da ilha, é por questões económicas e de ter outras condições que não se tem cá. (Faria, 2021c, 0:29:15)

Contudo, Rocha (2008) complementa esta observação, declarando que noutras situações – como a que nos encontramos agora em pleno século XXI – caracterizadas por uma estagnação social, económica e cultural, urge uma terceira componente nessa equação: a necessidade de ascensão social e financeira no desejo de emigrar destes açorianos, à parte da habitual procura de subsistência (Rocha, 2008, pp. 288-289).

Com efeito, os movimentos migratórios como é o caso da emigração açoriana moldam uma sociedade por inteiro, em vários aspetos, desde os sociodemográficos aos históricos e aos de construção identitária e cultural.

2. Questões de identidade, açorianidade e cultura açoriana

Segundo Leite (2008), a consciência da identidade determina, naturalmente, que um indivíduo se distinga do outro, atribuindo a essa condição um sentido, conferindo-lhe assim um valor concreto (Leite, 2008, p. 147). Pressupõe-se que todas estas variantes se vão alterando em conformidade com os vários cenários históricos gerados ao longo dos tempos, transpondo-se com a sua natureza evolutiva. Vendo por este prisma, podemos reiterar que, neste processo, a consciência da identidade varia com os grupos e as épocas, tornando-se, muitas vezes, num paradigma paradoxal.

Ainda assim, o autor não deixa de reconhecer que a tese de Vitorino Nemésio de que a geografia e a história fazem do açoriano o que ele, efetivamente, é, não deixa de ser o trilho mais seguro para se compreender a questão da identidade regional. Num outro

estudo de José Guilherme Reis Leite, sobre a condição de ilhéu, encontramos a tese que julgo ser a mais fiel àquela: a de que esta varia consoante as várias ilhas espalhadas pelo mundo. Não existe um “arquétipo que a todos nos una” como ilhéus. Existe, na verdade, uma singularidade em “ser-se ilhéu” (Leite, 2017, p. 47). Nesse sentido, existe uma condição própria dos ilhéus açorianos, e até mesmo, de ilha para ilha, no nosso arquipélago. O “mundo arquipelágico” (Oliveira, 2017, p. 11) não é idêntico em todos os arquipélagos do planeta. Quer o conceito de ilhéu, quer o conceito de vivência arquipelágica adquirem preceitos singulares, conforme as especificidades de cada ilha e de cada arquipélago. Álamo Oliveira exemplifica de forma clara esse pensamento:

A Austrália, por exemplo, é demasiado grande para ser uma ilha. A Indonésia tem demasiadas ilhas para se lhe reconhecer, apenas, uma insularidade dispersiva (Oliveira, 2017, p. 11).

Portanto, ser ilhéu nas ilhas açorianas difere-se de ilhas como a Austrália ou outras grandes superfícies continentais (Pinto-Correia, 2017, p. 36) quando as características dimensionais, geológicas e físicas de origem vulcânica, de humidade oceânica, de temperaturas amenas e de uma atmosfera agitada localizando-se na transição entre o anticiclone subtropical do Atlântico Norte – *Anticiclone dos Açores* – e as perturbações atmosféricas de origem polar (Farias, 2001, pp. 317-320; Ferreira, 2008, pp. 21-22) aproximam a comunidade açoriana, em termos sociológicos e, conseqüentemente, culturais.

Contudo, a desmistificação das diferentes noções de ilhéu ou de viveres arquipelágicos em nada retira ou diminui a ideia de açorianidade de Vitorino Nemésio. Porque esta classifica a condição de ser-se açoriano com todas essas especificidades que o povo, a natureza geofísica das ilhas açorianas, o isolamento ultraperiférico e as manifestações culturais próprias dos cidadãos açorianos fazem do açoriano aquilo que ele efetivamente

é, quer ele permaneça a viver na sua terra toda a vida, quer ele decida partir em busca de outros horizontes. A Praça do Emigrante vem trazer esta última ideia ao de cima, quando existe uma vontade coletiva, quer no eixo do Atlântico, quer nas várias costas e entranhas territoriais banhadas por diferentes oceanos de homenagear essa profunda ligação açoriana entre esses diferentes pontos geográficos, na sua terra de berço. É um lugar representativo e único da açorianidade, com as ondas do mar, símbolos das diferentes vagas de emigração açoriana, da *Calçada dos Mundos* de Liliana Lopes; com a pedra de calçada em calcário, em alusão ao mar ribeiragrandense que levou tantos açorianos rumo a outras margens oceânicas e terrestres, e em basalto, intrinsecamente açoriano; com um mundo às costas com o globo *Saudades da Terra* de Luís Silva – todo um lugar que merece uma análise empírica, mas também científica.

Cientificamente falando, a manifestação cultural da identidade pode ser moldada ao longo do tempo ou do espaço, ramificando-se de várias formas consoante a sua origem, seja ela nacional, regional ou local, e o seu local de destino, no contexto das migrações. Segundo Alzira Silva (2010), esta noção aplica-se aos espaços de fixação dos emigrantes açorianos (diatopicamente), à marca temporal (diacronicamente) e entre os vários estratos socioculturais (diastaticamente) que diversifica a manifestação da cultura açoriana num fenómeno metamórfico (Silva, 2010, p. 133).

Ainda que caminhemos no mundo cada vez mais globalizado, mesmo culturalmente falando, assistimos a uma quebra dessa globalização normalizada procriada nos novos tempos nos locais onde se fixaram as comunidades dos emigrantes açorianos pelo mundo fora. Fugindo à norma da atualidade, os emigrantes açorianos insistem em celebrar e vestir a sua identidade própria fora de portas, através da realização dos vários rituais que “fundam o desígnio da emigração como um destino de saudade a resgatar das brumas”,

como é tratado no estudo de Silva (2010, p. 134) – a herança cultural coletiva da nossa expedição histórica.

“Cultura partilhada é Cultura Viva” (Borges, 2019) – a expressão que intitula um capítulo do livro *À Sombra da Saudade*, de Diniz Borges, prolifera-se sobre o multiculturalismo da nação norte-americana, no caso concreto do Estado da Califórnia. É também característica da cidade de Toronto, no Canadá – ambos lugares de forte presença açoriana, assim como de outras origens não-nativas (Borges, 2019, pp. 41-43). Contudo, a expressão de Diniz Borges pode ser também aplicada no fomento de características culturais açorianas, desde o ensino da língua portuguesa com o apoio da Luso-American Education Foundation (LAEF), à literatura luso-americana com a Gávea-Brown Publications, aos *Caminhos do Divino* no Brasil, passando pela emblemática Praça Ilhas dos Açores na Vila de São Carlos, no Uruguai que dita “‘Aqui terminó el viaje / Y empezó la historia’ Açorianos Fundadores, 1763” (Nunes, 2007), à *malasada* havaiana (trazida pelos açorianos) (Andrade, 2017, pp. 48-49), chegando também aos concursos da Miss Açores no Canadá.

A nota que se pode retirar desta breve reflexão é que não existem limites oceânicos nem terrestres quando falamos dos Açores, dos açorianos ou de açorianidade. Existem “Açores de Mil Ilhas”: esta denominação adotada pela Associação dos Emigrantes Açorianos reflete a partilha de saberes, vivências, culturas – no sentido ambíguo da palavra, literaturas, religiosidades, saudades. Retrata também a comunidade a que presta um serviço sem-fins lucrativos através da promoção sociocultural de encontros – físicos e metafísicos (no sentido figurado) –, porque, nas palavras de Diniz Borges, refletem

o mérito destes acontecimentos que podem não influir toneladas de gente, que não são geradores de grandes receitas económicas (pelo contrário), mas são absolutamente necessários para o crescimento de comunidades que não querem ficar estáticas, nem eternamente encravadas entre dois mundos. . . . E que

permanecem com fortes ligações culturais, intelectuais e afetivas à terra de onde vieram ou de onde vieram os seus antepassados (Borges, 2019, p. 50).

Parte II. O projeto de estágio

Após a teorização dos conceitos invocados em matéria de emigração açoriana, em jeito de enquadramento, procedemos então ao relatório do projeto do estágio. Esta parte inicia-se com uma breve abordagem ao associativismo relativa à instituição de acolhimento do estágio e uma análise à mesma, com base na experiência decorrente do período de estágio. Segue-se o relatório das atividades desenvolvidas durante o estágio na AEA, primeiramente, de forma sucinta, e posteriormente, de forma pormenorizada, dividida em subtópicos.

1. Instituição de acolhimento

O estágio referente ao presente relatório teve lugar na associação sem-fins lucrativos de apoio ao emigrante açoriano designada por AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos, também conhecida como AEAzores.

1.1. Uma breve abordagem ao associativismo

De forma simplificada, podemos definir o associativismo como um movimento de criação de associações (sociais, laborais, culturais, etc.) em prol da defesa de interesses ou da obtenção de objetivos comuns.

No entanto, o movimento associativo já é estudado ao longo de várias gerações pela relevância da sua participação cívica no seio das várias comunidades em todo o mundo. José Manuel Leite Viegas (2009), em comunicação no colóquio “Associativismo e Sindicalismos Judiciários”, aborda a ação deste movimento, refugiando-se na doutrina teórica de Tocqueville que dita que, de modo genérico, através do associativismo, os indivíduos não só instituem correlações, que promovem a sua integração social, mas

também são compostos e dotados de competências para a participação política, por via da manifestação e incitação de valores de cooperação e reciprocidade e do desenvolvimento de atitudes de confiança e de práticas de participação em processos de decisão em modo coletivo (Viegas, 2009).

De acordo com Flávio Manuel de Araújo Alexandre (2016), o conceito de associativismo está assim intimamente relacionado com o conceito de democracia, muitas das vezes articulados de forma direta com o princípio da sociedade civil, ou não fosse esta um dos seus principais alicerces (Alexandre, 2016).

Viegas (2004), no âmbito da sua investigação acerca da esfera social referente ao associativismo, diz-nos que uma associação é um grupo de indivíduos que decidem, voluntariamente, pôr em comum os seus conhecimentos ou atividades de forma contínua, de acordo com as “regras” por eles definidas, tendo como objetivo compartilhar os benefícios da cooperação ou defender causas ou interesses (como é citado no estudo de Carvalho, 2015). A cooperação distingue as associações das sociedades comerciais, com fins lucrativos e que se movimentam numa lógica de mercado. Portanto, as associações requerem a existência de uma sociedade pluralista e constituem um dos núcleos fundamentais da sociedade civil ou do “terceiro sector” (Carvalho, 2015).

Na sociedade atual, as organizações da sociedade civil podem ser consideradas agentes da mudança e em constante reconstrução. Estas organizações têm origem na interação que o sujeito desenvolve através do contacto com os outros indivíduos. Desta interação, resultam as trocas de experiências, o que poderá levar à formação de um grupo ou associação onde se colocam em debate paradigmas e que em conjunto tenta encontrar respostas para as necessidades comuns (Alexandre, 2016).

Seguindo estas linhas de raciocínio lógico e teórico, pode-se concluir que o movimento associativo é, sem sombra de dúvidas, um importante instrumento de participação cívica que, ao se fundamentar em objetivos comuns altruístas de uma determinada comunidade possui o desígnio e a responsabilidade de agir de acordo com esses interesses mútuos de cooperação, promovendo as mais diversas ações e iniciativas que computam nos princípios comuns estabelecidos.

1.1.1. O caso concreto da Associação dos Emigrantes Açorianos (AEA)

A Associação dos Emigrantes Açorianos é uma entidade independente formada, no seu nascimento, por emigrantes açorianos, fixados nos vários destinos de acolhimento, assim como regressados à sua terra-mãe – como apelidam os Açores no seio da associação – mas que hoje abarca também outros sócios e membros açorianos que se deixaram cativar pela causa de maior preponderância: estabelecer uma ponte de ligação entre as várias diásporas açorianas do mundo e os Açores, através das várias ações socioculturais por eles desenvolvidas.

Com o intuito de melhor perceber o funcionamento desta associação de voluntariado, são apresentadas, em seguida, a sua estrutura orgânica e competências principais.

De acordo com os seus estatutos (art.º 6 do capítulo III), a Associação dos Emigrantes Açorianos serve-se dos seguintes órgãos: a) Assembleia Geral; b) Direção; c) Conselho Fiscal.

Segundo os parâmetros do ponto 5 do artigo 7.º do capítulo III dos estatutos da AEA, à Assembleia Geral – constituída por todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos – compete: a) Alterar e reformar os Estatutos; b) Aprovar e alterar o seu regimento; c) Definir as grandes linhas de atuação da Associação; d) Apreciar e votar o Relatório e Contas de Gerência; e) Eleger e destituir os membros dos órgãos da Associação; f) Retirar

a qualidade aos associados, quando tal seja justificável mediante proposta da Direção; g) Deliberar sobre a dissolução, cisão ou fusão da Associação; h) Deliberar sobre outro assunto para que tenha sido convocado ou sobre os recursos apresentados pelos sócios (Associação dos Emigrantes Açorianos, 2016).

A Direção da AEAzores é o órgão executivo da associação, constituído por quatro elementos eleitos através do sistema eleitoral maioritário, e assim distribuídos: Presidente, Vice-Presidente, Secretário e Vogal, de acordo com os termos estipulados no artigo 8.º do capítulo III dos estatutos supracitados. À Direção compete: a) Propor e executar o Plano Anual de atividades e o Orçamento; b) Elaborar anualmente e submeter ao Conselho Fiscal o Relatório e Contas de Gerência; c) Aprovar o seu regimento; d) Aprovar ou rejeitar a admissão de associados; e) Exercer o poder disciplinar; f) Apresentar propostas à Assembleia Geral; g) Aceitar subsídios, doações, heranças ou legados compatíveis com a natureza da Associação; h) Representar a Associação em juízo ou fora dele na pessoa do seu Presidente ou em quem a Direção deliberar; i) Exercer as demais competências que a Assembleia nela delegar. j) Garantir a efetivação dos direitos dos associados; l) Nomear comissões técnicas ou de qualquer outra natureza que julgue necessários para o bom desempenho das suas funções; m) Assegurar o funcionamento da Associação, gerir os seus meios humanos e materiais, e proceder à escrituração nos termos da lei; n) Autorizar a utilização das instalações da Associação por entidades estranhas, a título oneroso ou gratuito (Associação dos Emigrantes Açorianos, 2016).

Por último, em conformidade com o que está disposto no artigo 9.º do capítulo III dos estatutos da AEA, o Conselho Fiscal é composto por três elementos eleitos em lista maioritária, sendo um Presidente e dois Vogais. Compete ao Conselho Fiscal vigiar pelo cumprimento da Lei e Estatutos designadamente: a) Elaborar Parecer Anual sobre o Relatório e Contas apresentado pela Direção; b) Participar ou fazer-se representar por um

dos seus membros nas reuniões da Direção, sempre que o julgue conveniente; c) Solicitar à Direção todas as informações consideradas úteis e adequadas ao seu normal funcionamento; d) Exercer fiscalização sobre escrituração e documentos da Associação sempre que o julgue conveniente (Associação dos Emigrantes Açorianos, 2016).

Os órgãos sociais que compõem a Associação dos Emigrantes Açorianos no triénio 2021/2024 são:

Assembleia Geral	Direção	Conselho Fiscal
Presidente: Luís Silva	Presidente: Rui Faria	Presidente: Helena Silva
Vice-presidente: João Luís Pacheco	Vice-presidente: Nélia Silva	1.ª Vogal: Paula Lima
Secretário: José Carlos Teixeira	Secretário: Luís Óscar	2.ª Vogal: Maria do Santo Cristo Correia
	Vogal: Carlos Estrela	

(Associação dos Emigrantes Açorianos, 2016)

Durante o período de estágio, pude observar que os membros mais ativos sobre o trabalho da Associação dos Emigrantes Açorianos, num contexto diário, são compostos pelos colaboradores do Museu de Emigração Açoriana que acabam por assumir funções extraordinárias de voluntariado para o desempenho da atividade da Associação. São eles: Rui Faria, técnico-superior e responsável pelo Museu de Emigração Açoriana; Maria do Santo Cristo Correia, técnica profissional do museu; Paula Lima, assistente operacional do museu e Ruben Moniz, técnico de informática do museu. No último mês referente ao estágio no âmbito da elaboração do presente relatório da autora, a AEA acolheu a estagiária Maria Leonor Arruda, através do programa de inserção profissional do Governo Regional dos Açores, Estagiar-L, encontrando-se, até à data, como colaboradora da associação.

1.1.1.1. Da fundação aos dias de hoje

Esta associação foi fundada a 28 de outubro de 2010 e está sediada nas instalações do Museu de Emigração Açoriana, no município da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, na Região Autónoma dos Açores, em Portugal.

Nos últimos dez anos, a AEA destaca as suas maiores iniciativas abaixo, por ordem cronológica:

- Colaboração com a Câmara Municipal da Ribeira Grande na construção da Praça do Emigrante, inaugurada em 26 de julho de 2020, cujo elemento central é a peça de arte pública *Saudades da Terra*, concebida pelo artista e membro-fundador da AEAzores, Luís Silva;
- Organização anual da AEAzores Golf Cup;
- Organização do Seminário, no Nonagon, cidade da Lagoa, em São Miguel, em fevereiro de 2017;
- Colaboração anual no almoço de Ação de Graças/Thanksgiving, em Ponta Delgada, iniciativa do Governo dos Açores, através da Direção Regional das Comunidades, em parceria com o Gabinete do Xerife de Bristol County;
- Colaboração com a Rádio Voz do Emigrante, de Fall River (Massachusetts, EUA) e com a jornalista Maria de Lourdes, num projeto de apoio didático a algumas das escolas de São Miguel;
- Colaboração com o Festival das Migrações, nas Sete Cidades, em São Miguel, em junho 2015;
- Presença na inauguração e colocação de placa de pedra da AEAzores, como apoiante do Projeto Shore to Shore, no Stanley Park, em Vancouver (BC, Canadá), em homenagem a Portuguese Joe, em abril de 2015;

- Participação no Simpósio Internacional sobre os Direitos Humanos e Qualidade de Vida nas Comunidades Falantes de Português nos Estados Unidos da América e Canadá, em Massachusetts (EUA), em 2011;
- Participação no Metropolis 2011, em Ponta Delgada, São Miguel;
- Participação no Conselho Mundial das Casas dos Açores, no Rio de Janeiro (Brasil), em 2011;
- Participação na Semana Cultural, em Toronto (Ontário, Canadá), em 2011;
- Participação no II Encontro dos Emigrantes Regressados (Terceira), em 2011;
- Encontros de divulgação em inúmeras freguesias dos Açores, sobretudo em São Miguel, mas também com deslocação de dirigentes ao Grupo Central (Terceira, São Jorge, Graciosa, Faial e Pico) e às Flores, coincidindo com diversas Festas dos Emigrantes locais (Associação dos Emigrantes Açorianos, s.d.).

1.1.1.2. O papel fundamental da AEA

No que toca ao seu papel fundamental, a Associação dos Emigrantes Açorianos assenta no princípio-mor aquando da sua fundação: agir como elemento facilitador do estreitamento das relações entre a terra-mãe – Açores – e a diáspora açoriana – mais concretamente, as comunidades fixadas no Brasil, no Uruguai, nos Estados Unidos da América, nas Bermudas e no Canadá, prestando apoio aos emigrantes e exercendo um serviço público à terra que os viu nascer.

De acordo com os termos do artigo 2.º do capítulo I dos estatutos da Associação dos Emigrantes Açorianos, os objetivos da mesma assentam, essencialmente, em: a) Desenvolver nos termos da Lei e dos Estatutos a cooperação e a solidariedade entre os seus associados, na base da realização de iniciativas relativas à problemática da emigração Açoriana entre estes e os demais entes públicos ou privados; b) Defender e promover os direitos e interesses dos emigrantes; c) Apoiar e informar os emigrantes regressados e os

ainda residentes nos países de acolhimento; d) Promover e estimular as capacidades próprias, recreativas, culturais, sociais e humanitárias; e) Estabelecer intercâmbios com associações congéneres estrangeiras, regionais e nacionais ou promover ações comuns de informação ou formação (Associação dos Emigrantes Açorianos, 2016).

Acima de tudo, a AEA pretende servir como agente facilitador junto das instituições responsáveis, promovendo o pluralismo dentro da associação, assim como a tolerância e o respeito pelas diferenças; servir como elemento de união entre os Açorianos regressados, na confraternização e na procura de soluções para questões burocráticas; colaborar com o Governo dos Açores, autarquias, Casas dos Açores, consulados, câmaras de comércio e indústria entre outras entidades, tanto nos Açores como na Diáspora, para facilitar o intercâmbio entre os açorianos que residem nos Açores e os que residem na diáspora e os seus descendentes. Rui Faria, enquanto Presidente da Direção da associação, remete-nos para o carácter fundamental destas relações interinstitucionais:

O interassociativismo e as relações entre associações e instituições do governo e outras é essencial. Porque, quer quem autorizou, quer quem possa informar de uma forma correta, são sempre estes grupos organizados sejam eles políticos ou associativos ou de outra forma institucional (Faria, 2021c, 0:03:15).

Se o associativismo assenta no princípio da sociedade plural e democrática com o objetivo de servir o público ou dada comunidade, a AEA não é exceção à regra: terá certamente de auscultar a comunidade-alvo ou comunidades-alvo, de forma a perceber quais são os seus pontos de maior interesse, relevância e/ou urgência, cuja resposta deverá ser dada pela Associação, reorganizar-se de forma a obter soluções e analisar o seu prosseguimento e isso passa, muito frequentemente, por cooperar com outros organismos de carácter associativo, político e/ou administrativo, sociocultural, sindical e privado. Por um lado, estas colaborações – registadas por protocolos de cooperação ou outro tipo de acordo mútuo – são efetuadas com o intuito de angariar fundos destinados à promoção e

concretização do plano anual de atividades da Associação dos Emigrantes Açorianos, assim como todos os custos associados à ação da mesma, aos quais se acrescentam as quotas de sócios individuais. Por outro lado, os acordos solidários possuem uma outra componente: a troca de informações interinstitucional assertiva entre órgãos públicos ou privados que, devido à influência que exercem em determinados meios – no seio das comunidades da diáspora e ao nível internacional, ao nível regional dos Açores ou da Região Autónoma da Madeira, e ainda, ao nível nacional do continente português –, podem contribuir, significativamente, para os propósitos da AEAzores, em concreto, o apoio aos emigrantes açorianos e/ou descendentes na diáspora, como aqueles que regressaram às suas ilhas ou ainda potenciais ilhéus em vias de partir para o mundo e iniciar novos capítulos nas suas vidas (Faria, 2021c, 0:03:24).

Em conversa com o presidente da direção da AEA, procurámos saber o que compunha a lista prioritária de objetivos a cumprir que implicasse precisamente este trabalho de cooperação e articulação interinstitucional: “É cada vez mais fazer com que todos trabalharmos em conjunto e em rede de uma forma rápida” (Faria, 2021c, 0:04:15). Esta afirmação do Presidente da Direção da Associação dos Emigrantes Açorianos explicita um dos grandes problemas com que se tem vindo a deparar no decorrer da sua ação associativa – até à data – nomeadamente: a resposta lenta ou a falta desta perante o contacto que é estabelecido pela associação a fim de chegar às autoridades competentes certos e determinados assuntos que necessitam do suporte e aval burocrático para salvaguardar a viabilidade da sua ação sociocultural no eixo da emigração açoriana e do serviço público. Contudo, Rui Faria indica também que este contacto, por vezes, demorado é fruto de outros desafios preocupantes no meio associativo: 1) o carácter voluntário dos colaboradores das associações que é sempre aliado à vida profissional e pessoal dos mesmos, colocando aqui um entrave à ação rápida e eficaz da AEA pela

disponibilidade reduzida ou condicional daquelas; 2) o “envelhecimento dos corpos diretivos de associações” e a “necessidade do rejuvenescimentos desses órgãos sociais dessas associações”, que podem por em causa o futuro destes corpos associativos e da ligação interassociativa, de modo que estas sobrevivam no tempo e que o seu trabalho não caia no esquecimento (Faria, 2021c, 0:04:22).

Não obstante, através do apoio quer de instituições públicas como é o caso do Governo Regional dos Açores, através da Direção Regional das Comunidades sob a alçada da Vice-Presidência do Governo, e da Câmara Municipal da Ribeira Grande mediante a celebração de protocolos de cooperação, quer de pessoas individuais com contribuições das mais variadas formas, por intermédio de donativos, de angariação de sócios ou de voluntariado, a AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos eleva, substancialmente, o seu poder de ação social e cultural em prol dos seus objetivos comuns na preservação das relações entre os Açores e as suas comunidades da diáspora.

2. O estágio

O presente relatório final de estágio no que concerne o tema “Praça do Emigrante: do esboço à projeção futura” é referente ao estágio efetuado na IPSS - instituição particular de solidariedade social de apoio ao emigrante açoriano, a AEA – Associação de Emigrantes Açorianos, visando conceder-me o grau de mestre em Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico, pela Universidade dos Açores. Este estágio não-remunerado foi iniciado a 2 de novembro de 2020 e concluído a 31 de janeiro de 2021, conglobando um período de três meses consecutivos. Dada a sua natureza, plano de atividades e lista prioritária de objetivos a cumprir, as minhas funções compreenderam a capacidade de executar tarefas de coordenação/monitorização de atividades comunicacionais estratégicas para atrair as chamadas “novas gerações” da diáspora – as gerações mais jovens de descendentes de emigrantes açorianos das comunidades – tais

como a iniciativa proativa do concurso internacional ME & MOM IN AZORES e gerir as plataformas digitais de comunicação da associação, nomeadamente, o site oficial, caixa de correio de e-mail e redes sociais como o Facebook e Instagram. Tendo já adquirido experiência nesta área da comunicação em contacto com o digital – uma transição fulcral na conjuntura atual de pandemia³ que assola os primórdios dos anos 20 que já se tinha apresentado como uma ferramenta de relevância e extrema serventia no mundo da globalização com o culminar do século XXI, mas nunca fora tão valorizada e utilizada como agora, em plena crise sanitária mundial – num contexto cultural público⁴, estas incumbências foram perfeitamente executadas de forma espontânea em concordância com as diretrizes do Presidente da Associação dos Emigrantes Açorianos Rui Faria.

Rui Faria é familiarizado e integrado no mundo da emigração desde cedo. Aos 25 anos, assume o primeiro núcleo museológico açoriano dedicado, exclusivamente, à emigração açoriana: o Museu da Emigração Açoriana, fundado a 9 de setembro de 2005, sob a tutela da Câmara Municipal da Ribeira Grande. Este projeto foi impulsionado por um grupo de emigrantes das comunidades da nossa diáspora junto da Câmara Municipal com o apoio do Doutor João Bosco Mota Amaral que fez uma doação valiosa e considerável de objetos ligados à emigração açoriana que colecionou durante os seus mandatos como Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores.⁵ Cinco anos depois, o ribeiragrاندense

³ A pandemia COVID-19, também conhecida como a pandemia do coronavírus, é uma pandemia em curso de COVID-19, uma doença respiratória causada pela síndrome respiratória aguda grave do coronavírus 2 (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado pela primeira vez em Dezembro de 2019 em Wuhan, China. A Organização Mundial de Saúde declarou-a como Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional relativamente à COVID-19 a 30 de Janeiro de 2020, e mais tarde declarou-a como pandemia a 11 de Março de 2020. Em 14 de Maio de 2021, foram confirmados mais de 161 milhões de casos, com mais de 3,34 milhões de mortes atribuídas à COVID-19, tornando-a numa das pandemias mais mortíferas da história. Fonte: Wikipedia, the free encyclopedia. (16 de maio de 2021). COVID-19 pandemic. Disponível em: Wikipedia, the free encyclopedia: https://en.wikipedia.org/wiki/COVID-19_pandemic

⁴ De 2 de janeiro de 2020 a 30 de setembro do mesmo ano, frequentei um estágio de inserção profissional no âmbito do programa Estagiar-L, na área de Comunicação do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, sob a tutela da Direção Regional da Cultura.

⁵ O Doutor João Bosco Mota Amaral foi o primeiro Presidente do Governo Regional dos Açores, com a tomada de posse a 8 de setembro de 1976. Desempenhou este cargo durante cinco mandatos, do I ao V Governo, vencendo as eleições de 1976, 1980, 1984, 1988 e 1992. Fonte: Partido Social Democrata. (14 de

natural da Vila de Rabo de Peixe, já ligado ao associativismo, ação e participação sociocultural através da Associação dos Amigos de Rabo de Peixe, do Clube Naval de Rabo de Peixe e da Orquestra Ligeira da Ribeira Grande, integra a AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos, na qualidade de sócio, e mais recentemente como Presidente da Direção desta associação.

Foi em outubro do passado ano de 2020 que surgiu o primeiro contato com a AEA para o desenvolvimento de projetos de comunicação estratégica como o anteriormente referido ME & MOM IN AZORES. No decorrer destas conversações, proporcionou-se um interesse mútuo de estender estas relações profissionais e de cariz social a outros bons portos: o mundo académico.

Não sendo uma prática comum em matéria de Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade dos Açores, não se esperava que fosse tão bem recebida a proposta de estágio conducente ao grau de mestre em Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico, com o objetivo de poder desenvolver a investigação científica numa dimensão teórico-prática, aplicando os conhecimentos adquiridos na fase curricular do mestrado numa dada esfera prática da sociedade – fomentando novas dinâmicas de trabalho e outras metodologias de investigação.

Com o parecer positivo da Universidade dos Açores e dos orientadores, Doutor Carlos Eduardo Pacheco Amaral, Professor Associado, com Agregação, e Doutora Berta Maria Oliveira Pimentel Miúdo, Professora Auxiliar, ambos docentes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, o estágio inicia-se no mês de novembro

maio de 2021). João Bosco Mota Amaral. Disponível em: Partido Social Democrata: <https://www.psd.pt/pt/joao-bosco-mota-amaral>

de 2020 com a pesquisa bibliográfica que se viabiliza através da consulta do catálogo da biblioteca que dispõe a Associação dos Emigrantes Açorianos.

O catálogo é extremamente variado, abrangendo desde obras da literatura luso-americana como obras de género histórico e/ou científico em matérias alusivas à emigração açoriana e outros temas políticos, sociais e culturais ao nível regional, local e internacional, comunicações em conferências, artigos, folhetos informativos de eventos culturais nas comunidades, álbuns de músicos descendentes de emigrantes açorianos, etc.

Na qualidade de mentor interino do estágio, Rui Faria teve todas as diligências exigidas de um projeto desta natureza, com a supervisão diária sobre todas as tarefas supramencionadas que se viam também condicionadas pelo contexto pandémico que se vivia e vive. De igual modo se viu e se vê limitado o plano de atividades da AEA. Eventos culturais – que correspondem a uma parte significativa dos planos anuais de atividades da instituição de solidariedade social dedicada aos emigrantes açorianos - como a ação promocional do livro *Açores, Uma Caça ao Sonho Americano*, publicado em dezembro de 2019, junto das localidades por onde a história do livro se vai desenrolando, nomeadamente, nas ilhas do Faial e Pico assim como na costa Leste dos EUA, adiada para 2022; o 9º Azores Emigrant Golf Cup (“9º Torneio de Golfe de Emigrantes Açorianos”), um evento desportivo que reúne emigrantes, mas também jovens das novas gerações que vêm conhecer os Açores através do golfe, adiado para 2021; iniciativas de promoção cultural, social e até mesmo turística como o #FindYourAzores, um projeto atrativo de promoção dos Açores, bem como da modernização e investimento económico e turístico por que sofreram, principalmente e de forma gradual, após a entrada de Portugal na antiga CEE - Comunidade Económica Europeia, hoje, União Europeia, em 1986, cancelado, e o documentário “Santana, o primeiro aeroporto na ilha de São Miguel”, que conta a história do nascimento do primeiro aeroporto da ilha de São Miguel,

um feito importantíssimo para a nossa emigração açoriana, adiado para 2021. Todas estas atividades previam a sua execução no decurso do ano de 2020 (Faria, 2021b).

Quando a pesquisa e investigação documental sobre o projeto da Praça do Emigrante se mostrou insuficiente para ser desenvolvida no âmbito do presente relatório, em conversa com o Presidente da AEA sobre como obter mais informação e no exame de outras fontes e/ou recursos a mais conteúdo substancial sobre o projeto da praça, surgiu a ideia da recolha de testemunhos orais das partes responsáveis pelo mesmo e de esta se tornar num marco documental e permanente da Praça do Emigrante. O *quid pro quo* que aqui se estabelecia antevia boas projeções para a posteridade. Foi deste modo que a AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos assume este novo projeto em colaboração com a autora, na qualidade de mestranda em Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico, e em parceria com a Câmara Municipal da Ribeira Grande: o filme documentário sobre a Praça do Emigrante.

Durante o mês de dezembro e janeiro, já decorria o concurso internacional ME & MOM IN AZORES. A meu cargo, estava, portanto, a dinamização deste nas redes sociais, nomeadamente o Facebook, com as mais diversas estratégias e técnicas próprias da comunicação desta rede digital e a gestão dos contactos decorrentes do concurso.

Concomitantemente, foram iniciados os preparativos dos alicerces do documentário: agendamento de reuniões/gravações/entrevistas, seleção de entrevistados, redação e revisão de guiões de entrevistas, entre outros.

Todo este processo foi condicionado pela evolução da pandemia ao nível local, regional e nacional. Logo, pela força das circunstâncias, todo e qualquer procedimento acabou por ser adiado e afetado de modo que aquele fosse estendido temporalmente.

No enquadramento da evolução epidemiológica do país, e na sequência da renovação do estado de emergência decretado pelo Presidente da República, Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, o Conselho de Ministros aprova o decreto que constitui as medidas de contenção da propagação do vírus SARS-CoV-2, em todo o território continental, no período entre as 00h00 do dia 24 de dezembro de 2020 e as 23h59 do dia 7 de janeiro, destacando o escalonamento da sua aplicação em função do risco de transmissão da COVID-19 de cada município – moderado, elevado, muito elevado e extremo, a circulação entre municípios permitida no período natalício, mas condicionada no período do Ano Novo, as restrições de horários de funcionamento de estabelecimentos públicos como restaurantes – por vezes, permitia a presença de pessoas, outras somente a entrega ao domicílio – ao passo que estabelecimentos culturais deveriam permanecer fechados, e ainda, a circulação da via pública sob recolher obrigatório (XXII Governo da República Portuguesa, 2020).

As medidas apresentadas anteriormente, assim como a breve descrição da situação pandémica na Região dos Açores abaixo funcionam exclusivamente a título de exemplo de modo a facilitar a perceção do contexto social atípico em Portugal, à data do estágio na Associação dos Emigrantes Açorianos.

Tendo em conta a situação excecional de saúde pública em que se encontrava a Região Autónoma dos Açores com a declaração do estado de emergência em vigor em todo o território continental e as ligações aéreas do exterior às ilhas de Santa Maria, São Miguel, Terceira, Pico e Faial justificavam a prorrogação da declaração da situação de calamidade pública nestas ilhas, bem como a prorrogação da declaração da situação de contingência nas ilhas Graciosa, São Jorge, Flores e Corvo.

Foram então decretadas, no seguimento de uma reunião do Conselho do Governo dos Açores, algumas medidas de contenção da propagação do vírus SARS-CoV-2, cingindo-se, assim, aos horários de funcionamento de estabelecimentos de bebidas e similares, com

espaços de dança, bares com ou sem espetáculo, suspensão de eventos públicos e de deslocações inter-ilhas e de ou para o exterior, entre outras, à semelhança do que foi feito no território continental português.

A 13 de janeiro de 2021, a situação epidemiológica da pandemia COVID-19, nos concelhos da Ribeira Grande e Vila Franca do Campo, era de extrema gravidade. O concelho da Ribeira Grande contava 447 casos, dos quais 348 pertenciam à freguesia de Rabo de Peixe, fazendo-se constar a vasta maioria de casos ativos do concelho. Em Vila Franca do Campo, existiam à data 152 casos ativos, sendo que 107 destes eram referentes à freguesia da Ponta Garça (GaCS/SRSD - Gabinete de Apoio à Comunicação Social/Secretaria Regional da Saúde e do Desporto, 2021).

Por conseguinte, o Presidente do Governo Regional, José Manuel Bolieiro, anuncia a implementação de novas medidas de contenção da propagação do vírus na ilha de São Miguel a partir das 00:00 horas do dia 15 de janeiro, destacando a implementação de cercas sanitárias nas freguesias de Ponta Garça, em Vila Franca do Campo, e em Rabo de Peixe, no concelho da Ribeira Grande.

Segundo referiu, com a implementação das cercas sanitárias, a partir das 00:00 horas do dia 15 de janeiro e até às 23:59 horas do dia 22 de janeiro, ficaria proibida a circulação e permanência na via pública e é determinado o encerramento dos estabelecimentos de ensino, de restauração, bebidas, similares e cafés, assim como é determinado o cancelamento de todos os eventos culturais ou de convívio social alargado.

Tendo em conta que a ilha de São Miguel se encontra em situação de Alto Risco, o Presidente do Governo Regional anuncia também a antecipação da hora para recolher obrigatório em toda a ilha, para as 20:00 horas durante a semana, mantendo-se a partir

das 15:00 horas ao fim de semana (GaCS/LM/AIC - Gabinete de Apoio à Comunicação Social, 2021).

Com o prolongar do estado de emergência ao longo de todo o mês de janeiro do ano de 2021, chegando até mesmo a estender-se após o término do estágio na Associação dos Emigrantes Açorianos, toda a agenda de atividades da ordem do estágio, bem como a da própria instituição, ficou comprometida.

2.1. Concurso internacional ME & MOM IN AZORES

No decurso do plano de atividades da Associação dos Emigrantes Açorianos do ano de 2020, o concurso internacional ME & MOM IN AZORES foi um projeto programado para colmatar um dos grandes desafios com que se depara a jovem associação de apoio aos emigrantes: atrair as novas gerações de descendentes de emigrantes açorianos espalhados pela nossa diáspora no mundo para os Açores e toda a história, cultura, língua, religião, identidade e sentido de comunidade que carregam no seu sangue.

Com isto em mente, foram delineadas algumas ações de comunicação estratégica de forma a combater o esquecimento desta tão fundamental ligação entre o arquipélago açoriano e as suas comunidades da diáspora. Assim nasceu o concurso internacional ME & MOM IN AZORES.

Com o apoio do Governo Regional dos Açores, o procedimento concursal da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos tem a sua primeira edição centrada nos emigrantes e os seus descendentes nos Estados Unidos da América e nas ilhas Bermudas, a realizar durante o ano de 2021. A associação de apoio aos emigrantes açorianos pretende concretizar esta iniciativa anualmente, alternando o país ou países alvo todos os anos.

O concurso ME & MOM IN AZORES visa a recolha de testemunhos orais das mulheres emigrantes naturais das ilhas açorianas para que estas jornadas e histórias de vida, de

força e resiliência, trabalho, suor e lágrimas, de desafios, obstáculos e vivências dignas de autêntica admiração não se percam no tempo. Para os demais açorianos, são motivo de orgulho; são retratos de um povo humilde e audaz na conquista de novos horizontes e merecem ser contados, celebrados e recordados para a posteridade. Foi nesta ótica que a Associação dos Emigrantes Açorianos impulsionou este projeto, assentando num dos principais desígnios da fundação desta associação: manter e fortalecer os laços entre a diáspora açoriana e a “terra-mãe”.

As novas gerações dos emigrantes açorianos entram nesta iniciativa com um papel extremamente ativo: na qualidade de participantes, os filhos ou netos irão entrevistar as respetivas mães ou avós e obter os supracitados testemunhos orais das histórias de emigração açoriana, num contexto profundamente pessoal e familiar, mas também histórico e comum a muitas açorianas e açorianos das nossas comunidades da diáspora.

Estas entrevistas serão conduzidas por um guião bilingue fornecido pela associação, anexo ao regulamento próprio do concurso.

As perguntas contidas no dito guião de entrevistas dividiam-se em dois momentos: antes de emigrarem e depois de emigrarem.

O objetivo subjacente a estas questões é, numa primeira instância, apurar a conjuntura de então, no momento prévio à jornada de emigração daquelas mulheres açorianas, as condições de vida, o seu dia-a-dia, as festas e tradições daquele tempo e o conhecimento que tinham do país de acolhimento. Num segundo momento, era pretendido saber em que circunstâncias e de que modo se realizavam as viagens para o país de acolhimento, que memórias têm do momento da chegada, como foi a adaptação àquele novo país no que diz respeito às várias esferas social, cultural e até mesmo política, e ainda, como é a sua

ligação aos Açores e como antevem esta ligação em relação aos seus filhos ou netos das novas gerações.

Uma vez gravadas as entrevistas em vídeo pelos filhos ou netos das protagonistas, serão enviadas via-email para a AEA. Após uma averiguação da validade das participações, são selecionados os vídeos a publicar na página oficial de Facebook da associação para que estes possam ser sujeitos a votação pública através do somatório de gostos e partilhas dos mesmos na citada plataforma digital de comunicação – uma rede social de grande dimensão à escala global do século XXI com o potencial de atingir grandes audiências, especialmente, em contexto de isolamento social e pandémico.

O prémio atribuído ao vídeo mais votado consistiria numa viagem de avião para duas pessoas (o/a descendente e a mãe ou avó açoriana que concorreram ao ME & MOM IN AZORES) com origem em Boston, Massachusetts, e destino a uma ilha dos Açores à sua escolha com direito a estadia e carro de aluguer para usufruir entre os meses de maio e dezembro de 2021.

Enquanto estagiária, pude desenvolver esta iniciativa concursal com a composição do regulamento próprio e respetivo guião de entrevista, devidamente redigidos nas línguas portuguesa e inglesa, de modo a facilitar a participação de todos e quaisquer indivíduos que se enquadrem nas condições de participação inseridas no referido regulamento do concurso ME & MOM IN AZORES. No incremento da aquisição dos públicos-alvo das regiões desta primeira edição, lancei diversas campanhas publicitárias nas redes sociais da Associação dos Emigrantes Açorianos, mais particularmente o Facebook. As ações estratégicas digitais utilizadas passaram pela publicação de imagens e/ou vídeos publicitários nos *stories*, bem como em *posts* com direito a anúncios personalizados, de modo a chegar às audiências pretendidas dos países escolhidos para a edição de 2021 do ME & MOM IN AZORES. Foram ainda realizados vários contactos diretos através de

mensagens privadas aos seguidores da página oficial do Facebook da AEA, bem como do e-mail.

Portanto, e neste sentido, todos os contactos efetuados e necessários no que tange o funcionamento deste procedimento concursal internacional foram e serão conduzidos por mim, até ao final desta edição, em conformidade com a responsabilidade por mim assumida, ainda no decurso do estágio.

2.2. Praça do Emigrante: o filme documentário

O filme documentário sobre a Praça do Emigrante nasceu de uma ideia precedente de um interesse comum e público de narrar a história de simbologia, açorianidade⁶ e vivacidade da monumental peça de arte pública de homenagem ao emigrante açoriano. Esta história de mais de cinco séculos de um povo insular que atravessou um oceano Atlântico com a promessa de enriquecimento através da doação de terras, ferramentas agrícolas, sementes e gado da monarquia portuguesa nos séculos XVII e XVIII na América do Sul, em busca do sonho americano “via baleação”⁷ no século XIX, em vista de condições atrativas de emprego noutros territórios arquipelágicos nos finais do século XIX como as ilhas Bermudas e o Havai (à altura conhecido por ilhas Sandwich) e após a celebração de acordos bilaterais e a construção dos caminhos de ferro na terra do *maple syrup* e dos nevões a partir da década de 50 do século XX é uma história digna de ser transmitida de

⁶ “Açorianidade” é o termo que exprime a condição histórica, geográfica, social e humana do ser açoriano. Foi criado por Vitorino Nemésio, que o teve decalcado de *hispanidad* (Miguel de Unamuno) e que usou pela primeira vez num artigo enviado para a Revista Insula (n.º 8, Ponta Delgada, 1932). Intitulado “Açorianidade”, o artigo tece considerações sobre o viver das ilhas, num tom de crónica carregada de saudade pelo afastamento do autor em relação à sua ilha natal (ilha Terceira). Fonte: Centro do Conhecimento dos Açores, Direção Regional da Cultura. (2008). Enciclopédia Açoriana. Angra do Heroísmo, Terceira, Portugal.

⁷ Expressão utilizada por Luís Silva, em entrevista para o documentário sobre a Praça do Emigrante. Para saber mais, consulte o acervo digital da AEAzores. Fonte: Faria, R. (Realizador). (2021c). *Praça do Emigrante* [Filme].

geração em geração, jamais esquecida e nesta praça expressamente honrada desde a sua edificação em julho de 2020 para a posteridade (Andrade, 2017, pp. 38-39).

Assim sendo, a decisão estabelecida pela AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos de se produzir um filme de caráter informativo e histórico de um símbolo artístico e público representativo da emigração açoriana, a Praça do Emigrante, pela sua singularidade, toma forma no final do período de estágio e dá-se início ao processo de pré-produção do documentário.

2.2.1. Pré-produção

Por pré-produção entende-se o momento preambular em que se procede à elaboração de um plano geral da ação do documentário que inclua a delimitação de parâmetros de investigação e produção em prol da recolha de informação oral e audiovisual relevante para a peça fulcral do documentário - a Praça do Emigrante -, a participação de entes e entidades responsáveis pelo projeto da praça, a pesquisa teórica e documental inerente ao referido projeto, a produção, revisão e aprovação de guiões alusivos ao documentário, o agendamento e gestão de reuniões com parceiros e/ou possíveis participantes e das subsequentes gravações dos conteúdos audiovisuais a compor o filme documentário, entre outros.

A equipa de realização, produção e edição do filme documentário sobre a Praça do Emigrante até ao momento baseia-se nos seguintes:

Realizador/Produtor/Roteirista:	Rui Faria
Produtores Executivos:	AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos & Câmara Municipal da Ribeira Grande
Argumentista/Tradutora:	Sílvia Tavares

Cinematógrafo/Sonoplasta/Editor de Vídeo:	Luís Furtado
Entrevistados:	Alexandre Gaudêncio Carlos Meneses Fernando Monteiro Liliana Lopes Luís Silva Rui Faria
Entrevistadora:	Sílvia Tavares
Apoio:	Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas e m-arquitectos ⁸

Enquanto realizador/documentarista/produtor, Rui Faria assume o cargo de maior responsabilidade do filme documentário. Este papel implica a realização do documentário na sua íntegra, ou seja, exige que faça parte de todos os processos do mesmo, desde a pré-produção à pós-produção. De forma sucinta, as suas funções compreendem a gestão da equipa de produção do filme, a contratação e nomeação de membros da equipa técnica, a gestão do elenco de participantes, a garantia ou aquisição de financiamento, a elaboração, análise e/ou revisão de documentos (guiões de entrevistas, roteiro do filme documentário, etc.) e a seleção e/ou revisão de conteúdos audiovisuais a integrar o documentário desde a pré-produção à pós-produção - onde se finaliza a edição e montagem de vídeo para fechar a versão final do filme. Rui Faria foi, então, o grande decisor dos processos de realização do filme documentário. Foi o responsável principal das seguintes incumbências: contacto com os participantes e agendamento de gravações; seleção de

⁸ Esta lista é provisória. Poderá sofrer alterações até ao final da realização do documentário.

participantes; contacto e gestão de financiamento com os produtores do filme; contacto e gestão de apoio técnico com os produtores do filme; revisão e aprovação de guiões de entrevistas; direção técnica de filmagens no local das gravações desde a ação, à posição dos participantes em frente à câmara, à interação com os mesmos e ao fecho de cena, sempre em coordenação; coordenação técnica de seleção de imagens, edição de vídeo e montagem final do filme, entre outras. Como realizador, tem de garantir que todos os processos estão de acordo com o calendário para que esteja finalizado e pronto a estrear à data prevista. Todos os processos da realização do documentário só avançam com a sua aprovação final. Rui Faria assegura a todo o momento que as cenas se sucedem de acordo com os guiões previamente estabelecidos e aprovados. Uma vez filmadas todas as cenas, ele está sempre em contacto com o editor durante todo o processo de edição, para que tudo se proceda como augurado e visualizado pelo realizador.

Após a edição do filme, Rui Faria terá de traçar em conjunto com os produtores em que moldes se dará o lançamento do filme documentário, tendo em conta a condição pandémica, e fazer parte da promoção deste. Aqui também se acrescenta a gestão da divulgação com os vários meios de comunicação social, tanto da estreia como da publicidade contínua do filme documentário.

O papel de Rui Faria é, na realização deste projeto de filme documentário, o mais basilar. É o seu caráter visionário, inerente à sua personalidade própria construída ao longo do seu percurso aglutinador de várias frentes ao nível sociocultural e histórico já reconhecidas e extremamente bem dinamizadas, não só no concelho da Ribeira Grande como em outros cantos da ilha, dos Açores e até do mundo, onde se dispersam as comunidades emigradas pertencentes à diáspora açoriana, que permite a concretização de projetos como o referido documentário sobre a Praça do Emigrante, que se encontra entre tantos outros já realizados ou em construção, todos inseridos no contexto da emigração e

da realidade regional dos açorianos que os demarca quase que inconscientemente, de geração em geração, pela ordem natural das coisas e pela natureza extraordinária do ser humano capaz de se reinventar, mantendo, contudo, a presença intrínseca das suas raízes.

Na qualidade de realizador do filme documentário sobre a Praça do Emigrante, Rui Faria deu início ao processo de deliberações no âmbito do momento de pré-produção daquele.

No final da pré-produção foi, então, determinado que a ação do documentário iria centrar-se num acervo de entrevistas às entidades responsáveis pelo projeto da praça com a narração da ação em voz *off* em sequência com imagens de relevância da praça e respeitantes ao projeto desde o seu esboço. Por conseguinte, uma vez apurada e peneirada a informação de maior relevo do projeto a ser recolhida no decorrer destas gravações com a redação e aprovação dos guiões de entrevistas, importa sublinhar de forma abreviada que estes se basearam no seguinte cânone tripartido: 1) Questões preliminares contextuais de percurso pessoal, profissional ou de valor histórico-cultural, patrimonial e demográfico que se enquadrassem no motor de decisão de intervenção no projeto da Praça do Emigrante; 2) Questões remetentes ao desenvolvimento da sua ação no projeto, fossem estas práticas e restritivas à ação do entrevistado com ou sem cooperação direta ou indireta de outros participantes ou mais afetivas, tendo em conta a profunda carga simbólica e identitária presente em todo o projeto em homenagem ao emigrante açoriano; 3) Questões finais alusivas à projeção futura da Praça do Emigrante em contexto sociocultural, histórico-identitário, de fruição pública e ainda, num ponto de vista artístico e turístico, na pluralidade da sua dimensão.

Denote-se que, as questões delineadas nos guiões, adaptados a cada um dos entrevistados, ainda que com uma estrutura tripartida transversal a todos como foi exposto acima, nem sempre foram colocadas como previsto, pois, tratando-se de uma entrevista oral, ocorrem sempre alguns episódios em que se foge um pouco ao guião, assinaladamente: tanto a

autora, na qualidade de entrevistadora como Rui Faria, no papel de realizador, faziam questões ou afirmações que surgiam no próprio momento, no seguimento das respostas dos entrevistados, fossem ou não diretamente relacionadas com o tema principal do filme documentário, por vezes, até, para ajudar o entrevistado a expressar-se melhor e a sentir-se mais confortável para responder e desenvolver mais a sua intervenção; as perguntas poderiam até nem ser todas colocadas, atendendo à semelhança e forte correlação entre as mesmas, o que podia também levar o entrevistado a responder a um par ou mais daquelas numa só declaração.

De entre as entidades responsáveis pelo projeto da Praça do Emigrante a ser entrevistadas nomeiam-se, por ordem alfabética: Alexandre Gaudêncio, Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande e coordenador do projeto; Carlos Meneses, mestre calceteiro especialista/técnico na arte da calçada portuguesa; Fernando Monteiro, em representação da m-arquitectos – sociedade composta pelos arquitetos Fernando Monteiro, Marco Resendes e Miguel Sousa –, responsável pelo projeto arquitetónico; Liliana Lopes, artista conceptual e autora da criação artística à entrada da praça denominada *Calçada dos Mundos*; Luís Silva, sócio-fundador da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos, mentor do projeto, artista responsável pela conceção artística e autor do monumento central da praça afetivamente designado por *Saudades da Terra*; Luke Marston, artista e autor da criação artística *Shore-to-Shore* que circunda o globo *Saudades da Terra* no pavimento; e Rui Faria, Presidente da Direção da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos e gestor burocrático do projeto.

A fase mais desafiante da pré-produção, considerando a crise pandémica da atual década de 20, foi, sem sombra de dúvidas, o agendamento das gravações das entrevistas para o filme documentário.

A adversidade, a que aqui se assistia, decorria do facto do quadro pandémico na região se ter agravado no início do ano de 2021 – o que coincidia com o período de estágio na AEA – aliado ao quadro nacional de Estado de Emergência⁹ e até mesmo à própria conjuntura internacional da COVID-19, o que dificultou o contacto com os participantes, pois nem todos se encontravam no mesmo concelho e, no caso do artista Luke Marston, nem no próprio país.

Contudo, semana após semana, durante o mês de fevereiro, foi possível agendar as gravações das entrevistas e realizar as mesmas, de forma gradual, durante os meses de fevereiro, março, abril e maio.

No que diz respeito às gravações de áudio e imagem, quer as referentes às entrevistas, quer outras imagens e fragmentos sonoros adicionais, foram efetuadas com o apoio técnico da Câmara Municipal da Ribeira Grande, através do Técnico-Superior de Comunicação e Imagem, Luís Furtado, que deu o suporte técnico necessário, não só com a captação de conteúdos audiovisuais mediante a utilização do indispensável equipamento técnico para o citado efeito, designadamente, uma câmara: Sony alpha7 III, uma lente: Sony FE 24-105mm f/4 G OSS, uma projetor de iluminação: EDM Projetor LED 150W 6.400K 12.000 Lumens Preto, um microfone: Rode SmartLav+, um gravador: Iphone SE, um tripé: Konig Professional Camcorder Tripod, e um estabilizador: DJI Ronin RS2, como com a edição. Esta englobava, no que concerne Luís Furtado, o corte, fragmentação

⁹ A declaração de Estado de Emergência pode ser deliberada pelos órgãos de soberania da nação portuguesa, nomeadamente, o Chefe de Estado Português, Presidente da República Portuguesa, cargo atualmente ocupado pelo Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, a Assembleia da República Portuguesa, o Governo Português e os Tribunais, de acordo com o Art.º 110, ponto 1, da parte III e o Art.º 19, pontos 1 e 2, da parte I da Constituição da República Portuguesa que ditam o seguinte: “1. Os órgãos de soberania não podem, conjunta ou separadamente, suspender o exercício dos direitos, liberdades e garantias, salvo em caso de estado de sítio ou de estado de emergência, declarados na forma prevista na Constituição. 2. O estado de sítio ou o estado de emergência só podem ser declarados, no todo ou em parte do território nacional, nos casos de agressão efectiva ou iminente por forças estrangeiras, de grave ameaça ou perturbação da ordem constitucional democrática ou de calamidade pública.” Fonte: Constituição da República Portuguesa. (1976). Diário da República n.º 86/1976, Série I de 1976-04-10. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/337/202006091026/diplomaExpandido>

e composição de elementos audiovisuais, manipulação e edição de segmentos audiovisuais de forma invisível para o público, análise de informações para melhor compreender as necessidades e especificidades da equipa de produção do filme documentário, exame de guiões e materiais não-editados para criar uma lista de decisões técnicas de filmagem com base no valor das cenas e na possível contribuição para a posteridade, montagem da sequência do filme documentário, inserção de música, gráficos e outros efeitos cinematográficos, criação de versões preliminares e finais de vídeo, garantia de sequência lógica e bom desenrolar do filme documentário, e ainda, a consulta regular com as partes interessadas do filme documentário desde o momento de produção até à pós-produção.

Todas estas responsabilidades que caíam sobre Luís Furtado iam ao encontro de um dos objetivos comuns a toda a equipa que trabalhou na realização e produção do filme documentário: narrar uma história coesa de forma minuciosa para que, preservando o tom digno do tema pluridimensional (histórico-identitário, sociocultural, artístico e turístico) e o carácter não-ficcional e narrativo do filme documentário, pudesse também aliciar o espetador e manter o seu interesse no visionamento do filme documentário, o que não deixa de ser facilitado pela profunda carga simbólica de identidade, cultura e história de um povo insular que não se limita à sua dimensão demográfica nem ao seu isolamento característico de uma região ultraperiférica europeia, mas se expande ainda mais por ter um sentimento de união e orgulho em ser-se açoriano tão fortes que transcendem as nove ilhas que compreendem o arquipélago português no coração do Atlântico e abrangem tantos lugares, cidades, outras ilhas, estados e nações em todo o globo. Ainda que o espetador seja alheio à realidade açoriana tanto ao nível regional como nacional e internacional, seria difícil não se deixar cativar por uma história tão rica, tão profunda e

simbólica que é emanada através da construção de uma peça de arte pública icónica como a Praça do Emigrante, na pluralidade da sua dimensão.

Outro importante fator-chave na tomada de decisões em fase de pré-produção foi a escolha dos locais de gravação das entrevistas.

Ainda que a escolha dos locais de gravação tenha sofrido um critério mais temático ou simbólico, todos eles passaram por um refinamento e exame de equipamentos de iluminação e som necessários de modo a garantir a qualidade audiovisual das filmagens.

Não por acaso, determinámos que o arranque do processo das gravações iria iniciar-se com a entrevista mais dinâmica entre as demais, em termos de localização: a entrevista a Luís Silva, o grande mentor do projeto e artista responsável pelo monumento que permitiu a construção da praça que se vê hoje edificada na cidade da Ribeira Grande, o globo *Saudades da Terra*.

Apesar da esmagadora maioria das imagens e dos encontros com os participantes das entrevistas ter sido efetuada no local que intitula o documentário, por decisão do realizador, a entrevista ao pai do projeto não poderia deixar de ser simbolicamente distinta. Porém, deve ser referido que as restantes entrevistas não foram filmadas exclusivamente neste local de eleição, à exceção do Mestre Calceteiro, Carlos Meneses.

A ideia do realizador era a de fomentar ao máximo a forte presença e simbolismo identitário que se centra na emigração açoriana. Partindo desta ideia, a entrevista a Luís Silva passou pelos locais de maior incidência nesta matéria, no município da Ribeira Grande: 1) Praça do Emigrante; 2) Museu de Emigração que acolhe a sede da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos. No entanto, a entrevista a Luís Silva, não se ficou por estes locais.

Na evocação da ponte que se pretende estabelecer, ao nível cultural e artístico, entre os equipamentos de uma modernidade alinhada com um passado rico e histórico e a sua pluralidade de valências que se encontram, proporcional e propositadamente, frente a frente, nomeadamente, a Praça do Emigrante e a “Fábrica das Artes”¹⁰ da cidade da Ribeira Grande, o Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, através do contacto estabelecido entre Rui Faria, enquanto Presidente da Direção da AEA – Associação dos Emigrantes e realizador do filme documentário, e o Diretor do Centro, João Mourão, foi nos concedido o espaço da Biblioteca e Centro Documental do Arquipélago com uma vista privilegiada para a praça para dar também lugar à entrevista a Luís Silva. Esclarece-se que existe uma agenda cultural e artística prevista para se concretizar num futuro próximo, assim que a condição pandémica o permitir, numa fusão de eventos e/ou atividades assente na verdadeira dinamização das potencialidades que ambos os equipamentos têm a oferecer para lhes dar a tão ansiosamente esperada vida pelos seus responsáveis, bem como pelos cidadãos munícipes, açorianos e por quem assim os desejar atender, numa abertura em segurança e comunhão social pela cultura, arte e história que os unem. Assim foi expresso pelos responsáveis do projeto da praça:

Ao nível municipal:

Quando desenhamos a Praça do Emigrante ao nível da sua projeção arquitetónica foi pensada precisamente para ter esse tipo de eventos. Não só porque está inserida numa zona nobre da cidade, numa zona em expansão, porque também está perto de outros equipamentos culturais como por exemplo o próprio Arquipélago, o Centro de Arte Contemporânea que pode haver aqui um misto de intercâmbio entre aquele equipamento e esta praça. Por isso mesmo, nós julgamos e iremos fazer tudo para que assim o aconteça (Faria, 2021c, 0:11:57).

Ao nível arquitetónico:

¹⁰ “Fábrica das Artes” foi o nome atribuído ao Centro de Artes Contemporâneas, no âmbito do seu quinto aniversário, no passado ano de 2020, numa iniciativa de investigação pública em apelo à recolha de registos orais, escritos ou fotográficos do público em geral para a criação de um espólio da “Memória do Edifício”, na qual estive envolvida, enquanto estagiária do departamento de Comunicação do Arquipélago.

Como nós estávamos a desenvolver. . . . nesta fase. . . . um projeto de urbanismo para aquela zona e que estruturava todo aquele território, que tinha já de antemão. . . . a ideia de deixar um canal que vinha no seguimento do centro de arte contemporânea (Faria, 2021c, 0:02:34).

O arquiteto Fernando Monteiro pretendia ressaltar que, dentro dos parâmetros do projeto urbanístico da Ribeira Grande, no lado sul da artéria, previa-se que aquele espaço cedido ao domínio público iria ser reabilitado – uma fábrica que deu lugar a várias indústrias ao longo de várias décadas tornou-se num núcleo artístico e cultural de referência no arquipélago açoriano, bem como aos níveis nacional e internacional –, e no lado norte, iria ser salvaguardada uma zona livre de construção para utilização pública (Faria, 2021c, 0:02:59).

O segundo entrevistado foi o Coordenador do Projeto e Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, Alexandre Gaudêncio. Sendo parte institucional interveniente do projeto, Rui Faria determinou que o local de gravação teria de ser espelho dessa condição, optando pela Câmara Municipal da Ribeira Grande, mais concretamente, o salão de reuniões e outros eventos mediáticos, este último por opção do próprio entrevistado, para dar lugar à entrevista. Adicionalmente, foram também retiradas imagens do Presidente da Câmara e da entrevistadora na Praça do Emigrante.

Em seguida, tivemos oportunidade de filmar dois encontros em simultâneo com a artista, Liliana Lopes e o Presidente da Direção da AEA, Rui Faria. Em conversação com o realizador, foi deliberado que o melhor local para dar o destaque à obra que dá entrada à praça, a *Calçada dos Mundos*, seria o hotel vizinho, o Hotel Verde Mar & SPA, da empresa de hotéis e apartamentos turísticos, AçorSonho. Após a articulação feita entre Rui Faria e a gestão do hotel, foi possível usufruir de dois espaços dentro do mesmo: a sala junto à receção, e no caso de Liliana Lopes, um quarto no primeiro andar do hotel com vista para a praça, mais particularmente, a varanda daquele. Denoto que, pela

pequena dimensão do espaço na varanda, numa primeira análise feita pelos realizador e *cameraman*, não se iria conseguir captar, no plano de fundo, a criação da artista, nem a participação da entrevistadora na imagética da gravação. No entanto, em observação e exame do local, foi sugerido pela mesma que deslocássemos uns móveis de pequena dimensão situados na varanda de lugar, alterando-se o ângulo inicial, o que permitiu, então, colocar como plano de fundo, a *Calçada dos Mundos*, e ainda, a intervenção da entrevistadora nas imagens.

A quinta entrevista filmada realizou-se com o Mestre Calceteiro, Carlos Meneses, que pela sua arte de mestria, tudo menos rudimentar, teve lugar sob a sua obra feita de pedra de basalto e calçada portuguesa, particularmente, o mural de tijolos, tal como o globo *Saudades da Terra* e a criação artística ao seu redor, na Praça do Emigrante.

A mais recente entrevista deu-se, à semelhança do que se fez com o Presidente da Câmara da Ribeira Grande, no atelier de arquitetura da m-arquitectos. O porta-voz dos sócios-arquitectos, Arq. Fernando Monteiro, optou por fazer a gravação da sua intervenção na sala de reuniões do atelier.

O artista Luke Marston ainda não enviou a sua intervenção em vídeo. Visto que, no seu caso, na indisponibilidade de deslocação até cá, aos Açores, estabeleceu-se a técnica de captação de vídeo amador (com telemóvel) para responder às questões que foram enviadas no guião traduzido para inglês via *e-mail* para o artista. Logo, o local de gravação não é conhecido. Foi recomendado, no entanto, que Luke Marston filmasse o seu depoimento num espaço interior com boa iluminação e o mínimo de ruído possível. Mais informo que o contacto com este artista tem sido o mais difícil de estabelecer e manter. Foram necessários os contactos de Rui Faria, por *e-mail*, e por mim, também por *e-mail* e via mensagem de texto através do Facebook.

2.2.2. Produção

Uma vez fechado o momento da pré-produção, deu-se seguimento ao momento da produção das gravações. Assente no objetivo de melhor entendimento dos conteúdos aprofundados no desenrolar deste estágio, a autora adota um encadeamento temático em concordância com a ordem primária do processo de planeamento, construção e futuras projeções da peça de arte pública, hoje conhecida como Praça do Emigrante.

Deve-se fazer notar que este subponto, por força da natureza técnica da produção do filme documentário e por se ter realizado em grande parte por entrevistas, minuciosamente concebidas de forma individual, no que diz respeito à intervenção de cada um dos entrevistados, e de forma global, com um fio condutor em narração não-fictícia, recorreu-se frequentemente à transcrição de excertos das declarações dos entrevistados com o intuito de criar um dinamismo mais real do contexto do filme documentário, de forma a introduzir o leitor na própria história, enfatizando o elemento de união presente em todo o projeto, do início ao fim. Acrescenta-se que toda a informação retirada no âmbito da produção do filme documentário encontra-se disponível nos acervos digitais da Associação dos Emigrantes Açorianos, bem como da Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Ser em comunidade é ser um só - esta é uma ideia que resulta da análise crítica e humanística do processo de elaboração do presente relatório. Nada ilustra melhor este pensamento do que a génese da criação da Associação dos Emigrantes Açorianos. Quilómetros de terra e de mar não separam o senso de comunidade dos emigrantes açorianos. Mas como poderemos defender os interesses dos nossos emigrantes em terras açorianas? Como poderemos ligar a *terra-mãe* a todos os açorianos espalhados pelo mundo fora? Estas foram as perguntas-chave para a fundação da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos, como se verificou no tópico anterior relativo à instituição do

acolhimento do projeto de estágio. Luís Silva, sócio-fundador da AEA e antigo emigrante regressado aos Açores, ao endereçar o cenário do momento de constituição da associação sem-fins lucrativos, relata-nos em que moldes se basearam os membros-fundadores para a efetivação da vontade expressa *a priori*:

Portanto, a ideia nasce em conversa com várias pessoas sobre a necessidade de realmente ter uma organização que pudesse unir mais as diásporas e os emigrantes espalhados pelo mundo, e também de um exemplo de uma associação que já existia cá em São Miguel que é a Associação de Imigrantes dos Açores [AIPA] (Faria, 2021c, 0:25:17).

Motivados pela união dessas comunidades nos Açores e na diáspora, inclusive com o parecer positivo de membros destas últimas, e inspirados pelo trabalho da associação de apoio aos imigrantes fixados nos Açores, fundaram a Associação dos Emigrantes Açorianos, no ano de 2010, no município ribeiragrandense, a “capital não-oficial da emigração açoriana” (Faria, 2021a).

A ponte de ligação entre os Açores e as comunidades emigradas da diáspora foi, de facto, o princípio mor que uniu os vários emigrantes da diáspora, assim como aqueles que regressaram à sua terra natal na construção e concretização deste desígnio. Rui Faria, enquanto Presidente da Direção da Associação dos Emigrantes Açorianos, constata este mesmo pensamento, quando lhe é questionado para que papel se propõe a AEA, fundamentalmente:

Foi para aquilo que foi criado, foi dar apoio aos nossos emigrantes que querem regressar ou de alguma forma precisam de apoio das instituições açorianas, e nós promovermos esta ponte, e ao contrário também, que todos aqueles que desejam emigrar que o façam de uma forma segura, e, para isso, também estamos cá para ajudar (Faria, 2021c, 0:02:00).

Ao refletir sobre os fatores de origem da Associação dos Emigrantes Açorianos, a autora questiona o membro-fundador, de forma empírica, sobre a sua experiência de emigrante e a devida influência na decisão de criar este corpo associativo. Luís Silva responde

afirmativamente, explanando o seu testemunho pessoal e familiar de emigrante aos 3, 6 e 14 anos, no Canadá, cenário de grandes dificuldades para uma família que tinha pouco conhecimento da língua e da realidade e vivências do país que os acolhia, tendo regressado diversas vezes aos Açores, uma vez que o pai já tinha cumprido com os seus objetivos naquele país e o seu desejo fora sempre voltar à sua terra e construir aqui a sua residência.

A experiência de emigrante de Luís Silva poderá equiparar-se à de tantos e tantos emigrantes que se foram e voltaram às suas ilhas de origem açoriana. Mas, principalmente àqueles que acordaram fazer parte da fundação desta associação.

Ainda a propósito da estrutura da instituição que concebeu o projeto da praça em homenagem ao emigrante açoriano, Luís Silva aborda a questão do balanço da ação da AEA nos últimos dez anos:

O balanço, julgo ser muito positivo. Porque, realmente, fundar uma associação e querer depois que ela abrange aquilo que. . . . [são] os objetivos. . . . [sob a] qual foi fundada, que. . . . [estão] nos seus estatutos, em pouco tempo, é muito difícil (Faria, 2021c, 0:31:18).

Segundo Luís Silva, o facto de a AEAzores ser uma associação à “base de voluntariado” pesou bastante ao longo dos anos de exercício de atividade sem-fins lucrativos. Contudo, considera que a associação tem hoje um balanço extremamente positivo sob a direção de Rui Faria, que tem contribuído muito para que este balanço se mantenha assim, nos últimos anos, através da forte dinamização do plano de atividades e do estabelecimento de protocolos de cooperação com vários parceiros públicos/privados.

O Presidente da Direção, por sua vez, acrescenta, a respeito do papel fundamental da Associação dos Emigrantes Açorianos:

A par disto, um dos grandes objetivos é realmente promover e continuar a fazer tudo para que esta ligação e esta ponte entre os Açores e a nossa diáspora

continue, quer com o mercado da saudade dos nossos emigrantes, quer também com as gerações descendentes dos mesmos. O grande objetivo primeiro está concretizado com a Praça do Emigrante e outros agora virão (Faria, 2021c, 0:02:22).

Foi assente no objetivo-mor da fundação da AEAzores que esta aceitou apoiar a construção do monumento ao Portuguese Joe Silvey, em Vancouver, Canadá, que mais tarde leva à construção da Praça do Emigrante, na Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, Açores.

Luís Silva é contactado por Luke Marston, um jovem artista canadiano descendente de um emigrante açoriano, em 2014, no sentido de procurar apoio deste lado do oceano para a concretização de um projeto em homenagem ao seu trisavô açoriano oriundo da ilha do Pico, comumente conhecido como Portuguese Joe Silvey (José Simas), que se fixou na província da British Columbia (Colômbia Britânica), mais concretamente na cidade de Vancouver, no século XIX, através da baleação americana, e se envolveu em vários empreendimentos naquela área, na indústria pesqueira, por exemplo, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento daquela terra ocidental do Canadá. Portuguese Joe Silvey tornando-se numa personalidade muito estimada por aquelas bandas, depois de mais de 100 anos da sua existência e forte presença no Canadá, o monumento em sua homenagem é realizado, com o impulso da mãe de Luke Marston, uma senhora nativa de uma tribo da British Columbia (povo Salish), e o apoio da Associação dos Emigrantes Açorianos, através de Luís Silva e da Câmara Municipal da Ribeira Grande, através do Presidente da Câmara Municipal, Alexandre Gaudêncio, que comparticipa a ida de Carlos Meneses, calceteiro ribeiragrandense especializado na arte do trabalho em calçada portuguesa, ofício particularmente proliferado no município da Ribeira Grande. Este é o cenário que dá lugar à ideia de trazer até aos Açores, o *Shore-to-Shore*, não apenas de forma artística, mas também simbólica, com a criação de um

monumento em homenagem aos emigrantes açorianos, à semelhança do que se fez na província canadiana da British Columbia, em solo açoriano, de acordo com o sócio fundador da Associação (Faria, 2021c, 0:00:03).

Alexandre Gaudêncio, na qualidade de Presidente da Câmara da Ribeira Grande, em viagem até Vancouver, recorda muito vivamente este episódio do qual surgiu a ideia de construir um monumento alegórico aos nossos emigrantes açorianos, numa ponte entre estes “dois mundos”:

Recordo-me perfeitamente porque eles precisavam de um calceteiro, de alguém que soubesse trabalhar a pedra, para fazer o monumento em calçada que está junto ao monumento alusivo ao Portuguese Joe. E a Ribeira Grande é conhecida pelos seus calceteiros e foi através do Luís Silva que nós identificamos uma pessoa que foi o Carlos Meneses e nós a Câmara Municipal participou a sua deslocação a Vancouver para fazer parte desse projeto (Faria, 2021c, 0:04:10).

Carlos Meneses, enquanto técnico especializado no trabalho em calçada portuguesa, diz-nos, muito sucintamente, como Luís Silva sugere, numa conversa informal, a possibilidade de se construir uma peça de arte pública, assente numa visão artística e simbólica, imediatamente visualizada pelo antigo emigrante açoriano responsável pela fundação da associação de apoio aos seus congéneres em terras açorianas:

Isto foi para aí em 2015, no segundo ano consecutivo que fui ao Canadá fazer um serviço lá como este que está aqui, em Vancouver, conheci o Sr. Luís Silva. Na altura, foi o Sr. Luís Silva. . . . que me falou. . . . que tinha na ideia de construir um globo. Pronto. Está bem. Vai-se construir um globo, sim. Agora nunca tinha na ideia que seria um globo desse tamanho, não é? (Faria, 2021c, 0:00:57).

A partir desta empreitada na cidade de Vancouver, na província da British Columbia do Canadá, a tantos quilómetros de distância do arquipélago que foi berço de milhares de açorianos que se multiplicaram não só nesta costa ocidental do Pacífico-Norte, como nas várias costas continentais ao redor do mundo, nasceu a ideia de se produzir um

monumento que honrasse a diáspora açoriana na sua terra de berço, talhado distintamente e de forma única.

Uma vez mais, debruço-me, empiricamente, sobre a relevância da experiência vivida por Luís Silva como emigrante, questionando o próprio, de modo imperativo, da seguinte forma: “Se não tivesse tido a experiência de emigrante, acha que teria tido esta ideia do monumento Saudades da Terra?”. Luís Silva responde, para minha surpresa, de modo assertivo:

Julgo que não. Julgo que a maior parte das coisas que o indivíduo realiza é baseado nas suas experiências. A gente falou há pouco nisso. Os artistas, escritores, escultores, pintores plásticos, quer dizer, põem nas telas, põem na escrita, fazem a sua expressão artística muito baseado[s] nas suas experiências (Faria, 2021c, 0:33:05)

O pai do projeto prossegue, assegurando que o projeto da praça só se realizou precisamente por ele “ter sido um filho de emigrantes, ter emigrado muito jovem no Canadá, e depois de ter contacto com as diásporas” (Faria, 2021c, 0:33:44). O contacto com as diásporas – “às várias Casas dos Açores” – foi também estabelecido no sentido de consultar os nossos emigrantes quanto à pertinência da edificação de um monumento em sua homenagem “para este projeto também ser deles”. Confirmando a expectativa positiva gerada pela criação do projeto Saudades da Terra, as várias pessoas consultadas apresentaram, então, um parecer positivo, “quase em unanimidade” (Faria, 2021c, 0:34:01).

Aqui deparamo-nos com a potencialidade do projeto do monumento *Saudades da Terra*. Existia uma enorme vontade disseminada pelas várias comunidades emigradas dos Açores, assim como naqueles que regressaram à sua terra natal. A “unanimidade” expressa pela voz de Luís Silva espelha exatamente esta apreciação.

Todavia, o sonho de Luís Silva exigia a sua materialização para deixar de ser apenas um sonho. O próximo passo foi, de facto, determinar a localização do monumento. Para tal, a Associação dos Emigrantes Açorianos, através do seu membro-fundador, reúne-se com a Câmara Municipal da Ribeira Grande, em busca de um local digno para edificar o globo *Saudades da Terra*. De todos os municípios açorianos, a Ribeira Grande foi escolhida novamente para acolher mais um projeto alusivo à emigração açoriana. Ao colocar esta decisão sob perspetiva, Luís Silva começa por dizer-nos que “às vezes, as coisas colhem-se a si mesmas.” Uma vez que a cidade da Ribeira Grande já era palco da emigração açoriana com a sede da Associação dos Emigrantes Açorianos e o Museu da Emigração Açoriana, é um “lugar central aqui na ilha de São Miguel” e houve um grande apoio de antemão para abraçar a projeto neste município de pessoas como “o Comendador João Pacheco Morgado, o professor catedrático José Carlos Teixeira, que ainda é professor na British Columbia, no Canadá, o professor Mário Moura”, entre outras (Faria, 2021c, 0:05:52).

Urge ressaltar que a Praça do Emigrante não foi a peça de arte pública de grande dimensão imaginada por Luís Silva, no seu estado primordial, como a vemos agora no seu produto final. O artista açoriano idealizou a sua obra em honra dos nossos emigrantes numa proporção mais modesta, ainda que congloba toda uma grandiosidade e unicidade por si só, quer ao nível artístico como ao nível histórico e simbólico que carrega e emana por toda a praça. O globo *Saudades da Terra* (ver Anexo 1 – Figuras 1 e 2) é a escultura ao centro da praça, a obra de arte de maior destaque da praça, com o desenho de Luke Marston a circundar todo o globo materializado em calçada portuguesa. Do monumento à praça, surgiram vários momentos impactantes na sua conceção, iniciando-se pela sua efetiva localização na cidade da Ribeira Grande, indo, inclusivamente, ao encontro de objetivos municipais da urbanização da cidade e do respetivo concelho ribeiragrândense.

A localização da peça dentro do concelho “nasce da vontade do atual presidente da Câmara da Ribeira Grande”, em que Luís Silva, com alguma emoção, recorda as palavras proferidas por Alexandre Gaudêncio, numa reunião de apresentação do anteprojeto do monumento Saudades da Terra (Faria, 2021c, 0:08:06),

ele [Presidente da CMRG] disse: “Olha, acho que tenho um sítio para essa peça” e saímos da Câmara, viemos a pé para este sítio de onde está, nesse momento, a Praça do Emigrante, e disse: “Olha, este lugar seria talvez um lugar que se pudesse enquadrar para essa peça de homenagem aos emigrantes açorianos” (Faria, 2021c, 0:08:22).

O autor do globo Saudades da Terra confessa ter ficado “muito feliz” com a escolha pois antevia um grande potencial de construção e dinamização da área para acolher o seu projeto artístico. Tanto foi que “a praça nasce realmente depois disso em que o presidente contrata o arquiteto Fernando Monteiro do grupo m-arquitetos para realmente enquadrar a peça na praça” (Faria, 2021c, 0:08:43).

Em conversa com o Presidente da autarquia local da Ribeira Grande, no âmbito do documentário, Alexandre Gaudêncio relata-nos o mesmo acontecimento, muito pragmaticamente, realçando o alinhamento de ideias com a sua agenda municipal de acordo com outros projetos de teor privado de reorganização do território como o Hotel Verde Mar & SPA, inaugurado há cerca de 2 anos, e outros que já estão “em carteira” (Faria, 2021c, 0:05:23):

Nós achávamos que esta praça ficaria muito bem localizada ali atendendo à proximidade do mar, atendendo à proximidade da cidade e que dá aquele aspeto. . . . do mundo no horizonte do mar (Faria, 2021c, 0:05:35).

Já, Fernando Monteiro, em representação da m-arquitectos, do ponto de vista arquitetónico, em tom de regozijo, acrescenta:

A Praça do Emigrante foi. . . . um episódio engraçado e que vou passar a contar. Nós estávamos a desenvolver para aquela zona da cidade um conjunto de

projetos de edificação e de urbanismo que previa zonas de construção e edificação e, necessariamente, também, zonas de utilização pública. A determinada altura, a meio do processo, numa reunião que tive com o Sr. Presidente Alexandre Gaudêncio. . . . [e] o Sr. Luís Silva, ele desencadeou aqui. . . . uma tentativa para se perceber onde é que. . . . se poderia encaixar o monumento ao emigrante. Na altura, nem sabia que escultura [seria] e como se iria materializar nessa homenagem aos emigrantes (Faria, 2021c, 0:01:19)

Uma vez decidido o local do monumento *Saudades da Terra*, e aprovado junto da Câmara Municipal da Ribeira Grande, o projeto da Praça do Emigrante avança então para a equipa da m-arquitectos, como nos foi relatado por Luís Silva. Fernando Monteiro, em nome da sociedade composta pelos arquitetos Fernando Monteiro, Marco Resendes e Miguel Sousa, descreve-nos como se iniciou o processo de requalificação da zona litoral da Ribeira Grande e como foi inserida aqui a Praça do Emigrante como espaço de fruição pública, deixando a cidade respirar através do canal que se estabelece entre as unidades hoteleiras – um já construído, outro previsto para o efeito -, o equipamento cultural e artístico Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas e o mar da zona da Praia do Monte Verde (Faria, 2021c, 0:05:06):

O projeto nasceu numa estruturação urbanística, ou seja, houve um plano urbanístico que se chama ‘unidade de execução’ da zona do Monte Verde que previa aquele espaço livre com cerca de 60 metros de largura e aquela relação sobre o mar e sobre a praia do Monte Verde. A ideia era deixar a criação de uma praça e uma praça é feita, é um espaço livre, de utilização livre, pública, ladeada por edifícios (Faria, 2021c, 0:05:06).

O grande objetivo do projeto da m-arquitectos, em conformidade com o plano municipal do atual executivo, centrava-se em virar, “paulatinamente”, a cidade da Ribeira Grande para o mar, ainda que “historicamente, ela nunca esteve virada para o mar” (Faria, 2021c, 0:06:19).

Alexandre Gaudêncio, enquanto autarca responsável pelo projeto supracitado, complementa o parecer do Arquiteto Fernando Monteiro, afirmando que o projeto da praça “contribui como uma cereja em cima do bolo”, uma vez que um dos principais

desígnios do atual executivo, desde que assumiu a Câmara Municipal da Ribeira Grande, é, efetivamente, “virar a cidade para o mar”, e isto “significava fazermos uma série de investimentos que pudesse requalificar a orla marítima” (Faria, 2021c, 0:06:13).

O Presidente da Câmara explica-nos também como este plano de reorganização do território, onde se inclui a Praça do Emigrante, veio a beneficiar os munícipes com a valorização dos terrenos e habitações com o exponencial interesse de investimento privado no concelho e os vários projetos turísticos que têm surgido progressivamente e que “são muito bem-vindos para a nossa terra” (Faria, 2021c, 0:06:52). O coordenador do projeto da praça termina esta reflexão, do ponto de vista municipal, dizendo que aquele

vem culminar com. . . esta nova forma que queremos dar às pessoas que a Ribeira Grande existe, que a Ribeira Grande está virada para o futuro, mas sem esquecer as suas raízes e as suas raízes aqui no nosso concelho passam muito pela nossa emigração (Faria, 2021c, 0:07:36).

Contudo, a questão “como é que *Saudades da Terra* se transformou em *Praça do Emigrante?*” volta a pairar sobre o processo de análise da conceção da iniciativa da AEAzores, após um exame dos documentos e pastas de arquivo referentes ao projeto de Luís Silva intitulando o mesmo de “Saudades da Terra”, já numa fase que incluía a criação de Liliana Lopes e o mural de tijolos que perpetuava a memória dos vários associados ao projeto – aberto ao público em geral com o intuito de reverter o donativo que era fornecido à AEA em troca da placa em alusão à sua jornada de emigração, à jornada dos seus familiares emigrantes ou, simplesmente, a quem contribuiu de alguma forma significativa para o desenvolvimento dos Açores e das suas comunidades e/ou do projeto em si. Luís Silva esclarece-nos quanto ao sucedido:

Eu, na altura, achava que a própria praça devia ter o nome *Saudades da Terra*. Pensava isso, não porque a peça tinha esse nome, mas porque isso é uma frase que é muito querida dos emigrantes. O emigrante já sabe que é emigrante. Alguns até não acham que devem ter essa classificação de emigrante porque já estão lá há 30 ou 40 anos. Portanto, achava que ia ser mais, não que ia ser mais

politicamente correto, mas ia identificar melhor o lugar se fosse *Saudades da Terra* (Faria, 2021c, 0:17:58).

No entanto, mediante o processo de envio do projeto de concepção artística para o grupo m-arquitectos, este vai, equivocadamente, com o título de Praça do Emigrante, uma das primeiras denominações a serem consideradas para intitular a obra. Por sua vez, os arquitetos lançam o projeto, não como *Saudades da Terra*, e sim como *Praça do Emigrante*, mantendo-se assim como hoje a conhecemos.

Após uma reflexão sobre o desenho do projeto, deu-se início ao plano de construção, cujo atravessou diferentes fases. Cada uma dessas fases albergou as mais variadas intervenções. Luís Silva relembra-nos de algumas das pessoas e/ou outras entidades que se destacaram durante este processo que elevou o monumento à Praça do Emigrante:

Nessa altura, pedi apoio a várias pessoas porque a obra tem alguma dimensão mesmo de engenharia. . . . e eu tenho experiência na área de construção, mas não sou engenheiro. Portanto, a obra como tinha mesmo questões que tinham que ser de engenharia, fui ter com um amigo de infância, o engenheiro Luiz Gonzaga, que se ofereceu gratuitamente a prestar o serviço técnico. . . . da construção do projeto (Faria, 2021c, 0:10:02).

Num momento posterior à menção da contribuição significativa na área de engenharia civil por parte do Engenheiro Luiz Gonzaga que ficou responsável pela parte mais técnica de “construção e execução da peça” (Faria, 2021c, 0:09:58), o pai do projeto fala-nos do grande mestre da obra que hoje se vê erguida na cidade da Ribeira Grande, Carlos Meneses que pode realizar o “trabalho de calçada” (Faria, 2021c, 0:10:53) já muito renomado, e pessoalmente conhecido por Luís Silva, quando a Associação dos Emigrantes Açorianos, em conjunto com a Câmara Municipal da Ribeira Grande, apoiaram a sua ida até Vancouver, no Canadá, no ano de 2015, concluindo que:

Depois deste trabalho feito que ele fez lá, era muito óbvio que ele é que tinha que fazer o trabalho com a minha direção, o trabalho de calçada necessário para concluir a peça aqui presente (Faria, 2021c, 0:11:34).

Carlos Meneses, mestre calceteiro muito requisitado pela sua perícia na arte da calçada portuguesa, em entrevista para o documentário, conta-nos como se envolveu no trabalho com a pedra de calçada:

Essa paixão vem de família, ou seja, eu muito novo já comecei a trabalhar com meu pai na calçada para aí em 1990. Fui como servente. Portanto, servia os mestres naquele tempo, mas depois fui tomando gosto por essa arte. Vejo isso como uma arte já, está a perceber? (Faria, 2021c, 0:00:05).

Tomado pela paixão pelo seu trabalho, procurámos saber se o artista da calçada portuguesa se via a fazer deste ofício a sua profissão, ao passo que Carlos Meneses nos responde em tom assertivo: “Se fosse uma profissão com futuro que eu não acho que seja, optava por fazer, sim” (Faria, 2021c, 0:00:32).

Seguidamente, Carlos Meneses diz-nos como foi trabalhar ao lado de Luís Silva na produção do globo *Saudades da Terra*:

Trabalhar nisso com o Sr. Luís Silva, em primeiro lugar, foi um prazer. Porque é uma coisa que gosto de fazer e deu muito gosto em fazer esse globo. Portanto, é uma obra, posso dizer, difícil para quem não sabe, mas fácil para quem sabe e aí é esses desafios que eu gosto e sinto-me realizado é a fazer desafios desses assim (Faria, 2021c, 0:01:37).

Contudo, para os espetadores e/ou leitores que não conhecem este tipo de trabalho técnico de construção com pedra de calçada portuguesa, o mestre calceteiro explica-nos de forma célere como tudo se processou, começando pelo globo:

O globo foi feito, portanto, da maneira que ele está aqui. . . . Isto foi em duas partes ao contrário e isso foi sempre trabalhando porque isto são pedras que têm aí. . . . três centímetros. . . . de largura. Foram colados todos pedra a pedra com uma cola especial à volta disso. As juntas são todas tapadas com argamassa (Faria, 2021c, 0:02:02).

Já a criação de Luke Marston no pavimento ao redor do globo sofreu um processo diferente:

Essa parte aqui do chão já foi trabalhada doutra forma. Isso costuma-se a trabalhar com areia e cimento por baixo. Isso depois é colocado, essa pedra seca em cima daquele material seco e depois isso é batido na junta com cimento e até chega a esse ponto assim (Faria, 2021c, 0:02:23).

Sendo o mestre calceteiro responsável pela execução do globo *Saudades da Terra*, do *Shore-to-Shore* e do mural das bandeiras, Carlos Meneses emociona-se ao ser reconhecido pelo seu trabalho:

Ai, isso faz-me sentir muito orgulhoso. Orgulho como açoriano, como um calceteiro numa arte e sermos elogiados em fazer parte de uma praça de um monumento que homenageia os nossos emigrantes. Porque eu também tenho familiares emigrantes e homenageia-os todos. Portanto, para mim é um prazer enorme fazer parte disso (Faria, 2021c, 0:03:41).

Por fim, perguntámos ao mestre calceteiro ribeirão-grandense como foi ver o resultado final da sua obra na calçada portuguesa da Praça do Emigrante, ao qual Carlos Meneses nos responde, em tom de contentamento:

Oh, belíssimo. O resultado... Como eu disse, na altura, em 2015 quando o Sr. Luís Silva falou comigo para fazer, nunca imaginei nascer uma coisa dessas e agora vendo isso aqui, todas as vezes que passo aqui, sinto-me orgulhoso de ver isso, não é? Sinto mesmo que ficou na perfeição (Faria, 2021c, 0:04:18).

Prosseguindo com a menção de louvores aos vários intervenientes do projeto, Luís Silva ressalva o importante contributo do arquiteto Louis Borges, um empresário no Canadá que, através da sua empresa especializada no fabrico de formas em gesso, possibilitou a construção da estrutura do globo ao centro da praça, assim como a empresa industrial Marques Britas do grupo Marques que interveio no corte da pedra:

Ele [Louis Borges] é que criou o desenho do casco do globo. O casco veio do Canadá, da empresa dele, em gesso, em secções que se depois formou o globo. . . a Marques Britas que foi de onde se cortou a pedra que é base do projeto (Faria, 2021c, 0:12:21).

Para finalizar o retrato do processo de construção do seu monumento, Luís Silva afirma que: “Foi um projeto que teve um apoio de muita gente que se não era esse apoio, com

certeza que não se podia realizar. Estou a falar agora no projeto *Saudades da Terra*” (Faria, 2021c, 0:13:25).

Numa fase posterior, em que o globo *Saudades da Terra* é inserido num projeto consideravelmente superior em termos dimensionais, arquitetónicos, artísticos, de contacto com o público residente e não-residente, que é a Praça do Emigrante, permitindo um alcance exponencial de valências, nomeadamente, a magnitude da simbologia presente em todos os aspetos processuais desde a sua conceção até à tão esperada edificação da praça, da ligação enfática que toca os corações de todos os açorianos atendendo à história da emigração açoriana vincada nas suas raízes e laços familiares e da amplitude sociocultural atingida com a possibilidade de albergar eventos culturais, atraindo novos públicos, o grande mentor do projeto prossegue a sua atribuição de louvores concernente à respetiva contribuição das várias partes envolvidas no projeto da Praça do Emigrante, com a nota referente ao atelier de arquitetura responsável pela sua conceção arquitetónica, a m-arquitectos: “Em termos da praça, que veio a ideia da forma como as coisas estão ligadas umas às outras, isso foi da m-arquitectos e do arquiteto Fernando Monteiro” (Faria, 2021c, 0:13:38).

Quando falámos com o arquiteto Fernando Monteiro, ficámos a conhecer um pouco da história do seu atelier intitulado m-arquitectos. Segundo ele, “a m-arquitectos nasceu há cerca de 11 anos atrás, em 2010.” É constituída por três sócio-arquitectos – Fernando Monteiro, Marco Resendes e Miguel Sousa – e sete colaboradores. Em busca da união de trajetos paralelos por eles efetuados ao longo dos seus percursos profissionais, formaram o atelier naquele ano com o propósito comum: trabalhar “nos Açores, para os Açores e com muito, muito gosto” (Faria, 2021c, 0:00:02).

Posteriormente, em discussão acerca do projeto arquitetónico conduzido pela m-arquitectos, Fernando Monteiro explica-nos que, ao trabalhar em conjunto com os artistas

conceptuais da praça, Luís Silva e Liliana Lopes, “foi um projeto feito a três mãos, aliás, mais, mas, basicamente, assenta em três intervenientes de grande importância.”, referindo que a sua intervenção enquanto arquitetos “não terá sido, se calhar, a mais importante.” De acordo com o arquiteto Fernando Monteiro, os papéis de Luís Silva e Liliana Lopes foram fundamentais, do ponto de vista conceptual, e que o que diz respeito à articulação arquitetónica da m-arquitectos, o seu papel “foi estruturar e coordenar um bocadinho a intervenção de cada um deles e criar ali uma lógica urbanística que fosse entendível e que fosse funcionalmente conseguida” (Faria, 2021c, 0:07:35).

Divergindo a nossa conversa da natureza técnica e arquitetónica para um tom mais figurativo, o arquiteto ribeiragrandense remete-nos para toda a carga simbólica por detrás da escolha dos materiais em pedra para a construção da peça de arte pública em homenagem aos emigrantes açorianos:

Tivemos um critério e um cuidado em escolher [os materiais] em concordância com o Sr. Luís Silva e com a Dona Liliana Lopes. A utilização da pedra de calçada do basalto, a pedra de calçada, mas utilizando o calcário tem a ver com uma carga simbólica que tem a ver com o próprio mar e aquilo que... as tonalidades que o mar nos oferece e o mar da Ribeira Grande, muitas vezes, é mais branco do que azul (Faria, 2021c, 0:14:57).

Ainda sobre a decisão da escolha dos materiais, pesaram também duas outras variáveis: 1) a utilização de materiais endógenos dos Açores; 2) a relação histórica do concelho com a extração e presença da pedra de basalto nos edifícios que compõem o município da Ribeira Grande, frisando esta última “para nós, ribeiragrandenses, é uma questão a sublinhar” (Faria, 2021c, 0:16:15).

Outra contribuição de salientar foi, de facto, a intervenção artística de Liliana Lopes, como é apresentada por Luís Silva:

Uma peça importante da praça é a *Calçada dos Mundos*. . . . Já conhecia a artista Liliana Lopes há muitos anos e depois de uma reunião com a Câmara, ela

apresentou várias maquetes de desenhos para a praça incluindo aquele que está na entrada da praça (Faria, 2021c, 0:13:55).

Liliana Lopes, artista responsável pela triunfal criação à entrada da Praça do Emigrante, devidamente designada de *Calçada dos Mundos* (ver Anexo 1 – Figuras 3 e 4), fazendo jus à natureza emblemática da representação artística e simbólica da obra, recorda de forma extremamente vívida como enveredou no meio artístico:

Olhe, desde muito jovem enveredei pelo meio artístico porque rabiscava as paredes todas das casas. Todas, todas. As salas estavam rabiscadas. Aquilo era um inferno com os meus familiares a tentarem limpar para eu no dia a seguir ou na hora a seguir já estar a fazer bonecos (Faria, 2021c, 0:00:11).

O interesse pelas artes plásticas cresceu com a artista, mas somente em idade adulta, casada, em África, durante as “infelizes guerras”, onde o seu marido militar se encontrava, é que iniciou a sua formação no mundo das artes. Começou a fazer obras para casa, numa fase inicial, mas ao chegar aos Açores em 1980, conheceu a escultora Luísa Constantina que reconheceu o seu talento e convidou-a a fazer parte da Academia das Artes dos Açores. Segundo a autora da *Calçada dos Mundos*, foi aí que começou a “ser uma profissional de artes plásticas”, porque até então considerava-se uma “‘amadora’ de arte” (Faria, 2021c, 0:01:06).

No seguimento do padrão das entrevistas, seguimos para a parte respeitante à ação da artista no projeto da praça. Neste momento, procurámos perceber como Liliana Lopes estabeleceu o seu processo de criação artística da *Calçada dos Mundos*, tendo em conta as várias propostas que apresentou antes de ser atingido um produto final:

Fiz três propostas. Aliás, uma era a minha preferida. Tinha a ver com as camélias. Era um desenvolvimento que começou por camélias e era um trabalho muito elaborado que eu gostava imenso. Eu não sei até que ponto, se este já foi difícil de fazer nos calceteiros, o outro, então, era diabólico, com certeza (Faria, 2021c, 0:04:29).

Pese embora a vontade e expressividade artísticas de Liliana Lopes na tentativa de encaixar a sua visão na praça, de forma conceptual, mas também atendendo às condições de trabalho com materiais mais robustos e rigorosos como a pedra de calçada – no qual se estreou na Praça do Emigrante – conclui que (Faria, 2021c, 0:18:59):

Esta escolha foi uma escolha que intervieram várias pessoas. Estou contente. Realmente, depois de estar pronto, acho que este, realmente, era o desenho próprio para esta praça, em conjunto com o trabalho do Silva que já tinha exposto e já tinha dito o que é que se ia fazer (Faria, 2021c, 0:05:04).

Quando nos deslocámos até ao segundo espaço da entrevista, ainda no Hotel Verde Mar & SPA, com uma vista privilegiada para a sua obra, a artista plástica fala-nos de como o seu projeto “não era para ficar. . . . propriamente na praça” e sim na estrada, de modo a fazer uma ponte artística entre o centro de arte contemporânea e a praça, “de maneira a não haver um choque muito grande com a arte contemporânea e com a praça e com o projeto de Luís Silva” (Faria, 2021c, 0:14:43).

No sentido da busca simbiótica para fazer valer desta relação entre ambos os espaços, Liliana Lopes escolheu integrar um retrato simbólico da identidade dos ilhéus açorianos – nos quais se inclui “por adoção” – com as ondas do mar em representação das vagas do mar, da vida e da emigração (com “marés altas, baixas, próprias da vida”) e os círculos vinculados nas ondas, que simbolizam os vários mundos físicos e metafísicos experienciados pelos emigrantes, com as várias dificuldades que enfrentaram em termos sociais, culturais e profissionais “à procura desses mundos”, uns mais pequenos e “atrofiados”, outros grandes, mais “bem conseguidos” (Faria, 2021c, 0:15:29).

Após uma intervenção de Rui Faria, Liliana Lopes acrescenta ainda uma outra nota simbólica presente na sua criação:

Ah, sim. Se vocês virem na memória descritiva, também falo no ADN do próprio emigrante. Porque isto [a forma da sua criação artística] faz lembrar um pouco

esse ADN que o emigrante recebeu dos seus antepassados, o que ele vai transmitir para os seus filhos, para o futuro e que está também aqui integrado nessa parte da praça (Faria, 2021c, 0:17:57).

À semelhança do que se fez nas entrevistas aos restantes artistas, quisemos saber como foi para Liliana Lopes ver o seu trabalho ali pavimentado, fora do papel, ao qual a artista respondeu com uma ternura singular:

Olhe, eu sinto-me orgulhosa. Posso ser criticada por isso. Mas, acho que foi um trabalho bem conseguido. Pelo menos eu fi-lo com essa intenção. Gostei do que fiz. Foi um projeto que, logo de início, eu abracei. Foi uma experiência nova porque eu nunca tinha feito calçada. . . . e foi uma experiência que eu adorei e que acho que tem tido boas críticas, parece-me que sim, e que voltaria a fazer se mo tornassem a pedir (Faria, 2021c, 0:18:38).

Em jeito de conclusão da sua apreciação final do projeto da Praça do Emigrante revela que a Ribeira Grande ganhou uma “mais-valia” no setor turístico e que o “próprio hotel onde estamos agora também ganhou com esta praça”, referindo-se ao Hotel Verde Mar & SPA. Mas a sua mensagem, a mensagem coletiva da Praça do Emigrante é de amor: “esse amor que nós temos e a apreciação por tudo quanto eles passaram” (Faria, 2021c, 0:19:19).

Regressando ao rol de agradecimentos do pai do projeto pelos papéis significativos dos vários intervenientes, Luís Silva conclui-o com o reconhecimento e glorificação do trabalho de um dos principais responsáveis pela concretização e desenho do projeto, Rui Faria, Presidente da Direção da Associação dos Emigrantes Açorianos,

as coisas, principalmente, coisas públicas para se concretizar, existe muita burocracia e posso dizer que a pessoa que teve a lidar desde o início com grande parte dessa burocracia foi o Dr. Rui Faria que sem o apoio dele, acho que esta obra não se concretizaria. Porque [foram] 4 anos e tal, quase 5 anos de burocracia. É amanhã. É depois de amanhã. É esta situação. É aquela (Faria, 2021c, 0:14:56).

Em conversa com o realizador do projeto e da AEA, descobrimos como Rui Faria se envolveu no mundo da emigração açoriana, primeiro, de forma informal, “como qualquer açoriano, com os seus familiares na América e Canadá” (Faria, 2021c, 0:00:07), e em segundo, no ramo profissional,

a partir de 2005, com a criação do Museu de Emigração que estou ligado desde ainda antes da sua inauguração e até hoje sou técnico superior da Câmara, mas mais ligado à emigração e foi esta ligação que eu tive (Faria, 2021c, 0:00:16).

No seguimento de uma reflexão histórica sobre a emigração açoriana, Rui Faria esclarece-nos como esta – tendo sofrido diferentes vagas ao longo de vários séculos – estagnou e tem vindo a diminuir consideravelmente, nos últimos anos:

A razão é muito simples. A razão é que os Açores [se] tornaram. . . . uma terra de esperança, numa terra onde o mercado de trabalho aumentou, onde o desemprego diminui, os apoios sociais são cada vez mais presentes (Faria, 2021c, 0:07:25).

Esta afirmação é apoiada em alguns exemplos como o facto do “acesso à habitação e à saúde” ser “muito diferente de antes do tempo da ditadura, por exemplo” ou o “facto de as guerras do Ultramar terem terminado” (Faria, 2021c, 0:07:45). O Presidente da AEAzores, reforça que, essencialmente, “as pessoas sempre emigraram.”, indo ao encontro das bases teóricas suscitadas, previamente, no presente relatório, na parte I, relativamente às motivações mais comuns no seio dos movimentos migratórios: a) o “fascínio da aventura”; b) a “falta de trabalho” e c) a “necessidade de melhores condições” de vida (Faria, 2021c, 0:08:01).

O especialista ribeiragrandense em matéria de emigração açoriana termina a sua reflexão, afirmando que a emigração cai a pique, principalmente, após o ano de 1986, com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) – atual União Europeia (UE) – onde “os Açores deram um salto qualitativo enorme, e isto contribuiu, claro, também, para um decréscimo na mesma medida da emigração” (Faria, 2021c, 0:08:14).

Ao endereçar a singularidade da génese arquitetónica da praça, Rui Faria refere como foi fundamental incluir no revés da praça em honra dos emigrantes açorianos – que “fala de todo um passado que vem desde o século XVI de gente que saiu dessas ilhas para ir para fora” (Faria, 2021c, 0:05:39) – as chamadas novas gerações dessas comunidades, os mais jovens descendentes dos que outrora partiram das ilhas rumo a outros destinos – o “futuro” (Faria, 2021c, 0:05:50):

Tudo o que foi representado pelos artistas intervenientes, quer o Luís, a Liliana ou a própria arquitetura, reflete também uma modernidade que se quer que seja apazível para os filhos e netos que não fazendo parte do “mercado” da saudade, também queremos que sejam atingidos no sentido de se reverem na Praça enquanto um monumento e enquanto uma praça jovem que se quer fazer também coisas para eles, quer ao nível da música, exposições e outros eventos (Faria, 2021c, 0:05:57).

Quer fosse no sentido de homenagear os emigrantes açorianos ou de chegar aos mais novos, este projeto conseguiu alcançar excelentes expectativas junto das comunidades da diáspora, assim como junto daqueles que regressaram aos Açores. A prova disso está justamente edificada na própria praça, diz-nos o Presidente do executivo da Câmara Municipal da Ribeira Grande:

A Praça do Emigrante durante a sua construção gerou muita expectativa pelo *feedback* que fomos recebendo até porque foi a própria Associação dos Emigrantes que desenvolveu aqui um mecanismo em que as pessoas poderiam oferecer o seu donativo em troca de uma placa identificativa com o nome da sua família ou com uma mensagem alusiva aos emigrantes (Faria, 2021c, 0:09:43).

Se a sua construção trazia tamanhos bons ventos, o que não trariam os do futuro? Certamente, os vários entrevistados em documentário sobre a Praça do Emigrante souberam responder com segurança e otimismo, não só com base nas suas próprias expectativas, mas também se alinhando com aquelas que foram formuladas ao longo de todo o processo de planeamento e construção da peça de arte pública. Numa análise

preliminar dos conteúdos, foi possível determinar que praticamente todos tinham a mesma projeção futura relativamente ao projeto na sua polivalência:

- i. Na opinião do membro-fundador da Associação dos Emigrantes Açorianos, Luís Silva, a projeção futura da Praça do Emigrante já está a ser feita através de uma agenda cultural que está a ser pensada para ser executada ao longo deste ano, bem como nos próximos anos. O antigo emigrante açoriano crê que será “uma praça ativa, viva, com muita coisa acontecer, principalmente, na época de verão”, no que depender da AEA. Prevê também que ela seja uma praça “inclusiva”, no sentido de reunir pessoas das “várias partes do mundo”, no que toca a emigração açoriana, incluindo grupos culturais da diáspora, da ilha de São Miguel e das restantes ilhas, para além do visitante turista que vem “ali tirar uma fotografia e umas *selfies*”. A sua visão é a de que a Praça do Emigrante possa ser um “espaço para fazer cultura, arte e vida social” (Faria, 2021c, 0:20:35).
- ii. Segundo o Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, Alexandre Gaudêncio, numa ótica de aproximação do futuro, afirma que “esse contributo já está a ser dado, quer com a expectativa das pessoas que nos visitam, quer com qualquer pessoa que passe pela comunidade emigrante e visite a Ribeira Grande.” O impacto social e cultural previsto até antes da sua inauguração já se faz sentir, na opinião do coordenador do projeto. À semelhança do que foi proferido pelo “mentor do projeto” (Faria, 2021c, 0:11:10), Alexandre Gaudêncio destaca:

O que temos notado é que há muita gente a parar naquele monumento a tirar fotografias que era precisamente essa intenção. E assim que for possível e assim que a situação pandémica o permitir podermos fazer daquele local um local também com alguns eventos culturais que possam atrair as pessoas ainda mais àquele local (Faria, 2021c, 0:11:24)

- iii. Em concordância com o Presidente da Direção da Associação dos Emigrantes Açorianos, Rui Faria, seguindo a linha de apreciação dos restantes intervenientes do projeto, afirma convictamente que:

Ao dia de hoje, a praça mesmo em tempos de não-visita de turistas e de emigrantes. . . . é provavelmente o local mais visitado edificado da ilha de São Miguel e, por conseguinte, dos Açores. Porque é aqui que está a maior parte da população (Faria, 2021c, 0:09:25).

A sua “esperança” é a de que, num cenário de “normalidade”, a Praça do Emigrante irá ser uma paragem obrigatória (Faria, 2021c, 0:09:52), em vários moldes:

- a. Para as nossas gentes – “emigrantes e familiares”;
- b. Para os visitantes turistas – de câmara na mão;
- c. Pelo “globo em si” – como peça única;
- d. Pelo “espaço aprazível” – como uma “praça virada para o mar”
- e. Pela cidade que a alberga que “está a crescer imenso com novas vias, com ciclovias” e que “está cada vez mais virada para o futuro”;
- f. Pelos vários eventos socioculturais promotores dos Açores e da “nossa diáspora” (Faria, 2021c, 0:09:54).

Esta última é vincada pela certeza de que a projeção cultural é ponto assente na agenda da Associação dos Emigrantes Açorianos, pois “irá acontecer a seu tempo e o que estava planeado é para se fazer quando assim for possível” (Faria, 2021c, 0:10:36).

- iv. No parecer técnico do mestre calceteiro, Carlos Meneses, relativamente à manutenção da pedra de calçada, dispõe-se a “a rever qualquer coisa que seja preciso fazer”. Contudo, está convicto de que não será necessária qualquer manutenção futura, (Faria, 2021c, 0:04:44) terminando a sua apreciação, emblematicamente:

Eu garanto que temos calçada para o futuro! (Faria, 2021c, 0:05:05)

- v. Consoante a apreciação do ponto de vista arquitetónico do sócio-arquiteto da m-
arquitectos, Fernando Monteiro, a Praça do Emigrante “está muito bem
localizada” e isso leva as pessoas a parar e gerar uma “relação paisagística com o
mar e com a paisagem envolvente assinalável.” Remetendo aos demais pareceres
dos entrevistados, o arquiteto crê que “as pessoas param e tiram as selfies e as
fotografias e vão lá ver o pôr-do-sol” porque as “praças têm que ser vividas”.
Contudo, reconhece que a forte atenção que a praça tem recebido através dos seus
visitantes dos mais variados locais, “foi uma surpresa” porque, a seu ver, ainda
falta alguma “vivência à sua volta” que será evidenciada e exponencialmente
resgatada quando construírem os “edifícios que lhe vai dar vida”. No entanto,
volta a frisar que “as pessoas vivem a praça” e que o fazem também pelo seu
“caráter simbólico” presente em toda a conceção da obra, onde “as pessoas
acabam por se rever naquela praça” (Faria, 2021c, 0:12:24) – algo que não se
assiste tão facilmente no que toca a arte pública:

Muitas vezes, a arte pública tem esse problema que é: não há uma interação, não
consegue estabelecer uma interação muito franca com o cidadão e, naquele caso,
foi conseguido isto (Faria, 2021c, 0:13:48).

A par da unicidade da praça e, principalmente, do gigante globo de pedra de calçada
portuguesa ao centro, Alexandre Gaudêncio acrescenta à vasta lista de aspetos positivos
ligados ao projeto, um dado extremamente peculiar, fazendo jus à singularidade da peça:

O próprio globo em si é uma peça única e que julgo que não há, aliás, esta é uma
expectativa que nós queremos. . . . alcançar que é fazer com que este globo fique
no *Hall* do Guinness Records como sendo o único globo do mundo feito em
calçada portuguesa – e isto. . . . é uma nota que gostaria de dar, e no caso
concreto, naquilo que podemos contribuir para que isto vá para a frente (Faria,
2021c, 0:10:39)

Ainda em perspectiva sobre os próximos acontecimentos que poderão ocupar a Praça do Emigrante, Luís Silva vai mais além nas suas expectativas e prontifica-se a fazer um apelo à própria Associação dos Emigrantes Açorianos para que esta permaneça a trabalhar em torno de uma melhor correlação entre os Açores e os seus emigrantes, mas principalmente, as gerações mais novas, mesmo através da Praça do Emigrante, com “atividades que os ligue àquele monumento e ao significado daquele monumento e daquela praça”, utilizando todos os meios em recurso, no que toca ao programa cultural da mesma (Faria, 2021c, 0:35:54):

Se calhar, esse programa tem de incluir também essas diásporas para depois lhes dar oportunidade também, mesmo que seja virtualmente, de eles poderem participar em atividades que aconteçam na praça. É um desafio que acho que já está a ser pensado pela atual direção da Associação de Emigrantes e que, com o tempo, vai ser, com certeza, aperfeiçoado (Faria, 2021c, 0:36:48)

O pai do projeto deposita toda a sua confiança de que “aquele espaço tem muito a dar para. . . trazer as novas gerações das diásporas aos Açores e conhecer as suas raízes” (Faria, 2021c, 0:37:13).

Nesta linha de raciocínio, devo acrescentar que desde a sua inauguração, conforme as previsões e expectativas, uma vez que as circunstâncias pandémicas se alteraram e se foram atenuando com o controlo da propagação do vírus SARS-CoV-2 – através do plano de vacinação imposto ao nível nacional e, como resultado, ao nível regional com o intuito de atingir a imunidade de grupo – foi possível realizar algumas atividades e/ou eventos socioculturais previstos para a Praça do Emigrante, nomeadamente, algumas exposições sazonais (a exposição dos “Maio” no 1 de maio, Dia do Trabalhador, uma iniciativa da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande; a exposição em celebração do Dia dos Açores, dia 24 de maio, em homenagem às Casas dos Açores; a exposição alusiva aos Santos Populares durante o mês de junho em colaboração com a Santa Casa da

Misericórdia da Ribeira Grande) e alguns eventos culturais como a celebração do primeiro aniversário da Praça do Emigrante a 25 de julho que contou com a “Inauguração do Memorial ao Soldado Emigrante” e uma cerimónia de entrega de prémios distintivos dedicados a instituições ou personalidades de destaque das nossas diásporas açorianas pelas suas contribuições significativas em prol das comunidades e da ligação com os Açores, “Açores de Mil Ilhas”, que acolheram vários momentos musicais ao vivo, culminando na atuação de Sara Cruz, artista açoriana, aberta ao público em geral, e os eventos musicais ao ar livre todos os sábados do mês de agosto, inseridos na iniciativa “Vamos à Praça”.

Retomando o objeto principal deste ponto dedicado às gravações, encerramo-lo com o grande mentor do projeto que nos deixa uma mensagem deveras comovente e de profunda reflexão a partir de um simples acontecimento que se sucedeu durante a fase de construção do globo *Saudades da Terra* da sua autoria. Luís Silva estava a concluir o revestimento do globo, quando um turista se aproxima e pede-lhe para descer da escada, onde estava a trabalhar nos últimos acabamentos com o calceteiro Carlos Meneses, para poder tirar uma fotografia junto ao globo – sem se aperceber de estava a falar com o artista responsável pelo mesmo. O autor, humildemente, retira a escada e concede o pedido ao visitante para poder registar aquela peça de arte pública em fotografia. A partir daí, Luís Silva depreende que “aquela peça de arte e aquele monumento de homenagem aos emigrantes açorianos, a ser do público e dos emigrantes e que já não me ia pertencer.” Revela ainda que foi um projeto de 5 anos que lhe marcou distintamente, mas que tem refletido imenso “sobre estes 5 anos”, nos confins da ilha, na sua freguesia da Água Retorta, “longe dos centros desta ilha” (Faria, 2021c, 0:22:12). Com muita satisfação por ver o seu sonho concretizado em honra da diáspora açoriana, apela a que, tal como ele,

que as pessoas que venham visitar este sítio e que olhem para esta peça possam sentir alguma alegria e que não seja só na estética da forma e dos materiais que estão ali, porque há pessoas que não são emigrantes e que não vão sentir aquilo que um emigrante irá sentir quando for àquele sítio, mas vão olhar para uma coisa artística e sentir algo e isso é importante quando se concretiza algo no sentido artístico (Faria, 2021c, 0:24:45).

2.2.3. Pós-produção

Após a finalização do período das gravações, seguiu-se a fase da pós-produção. Esta resume-se à seleção e edição dos conteúdos.

Durante os meses de Verão de 2021, a autora foi incumbida das mais variadas tarefas relativas à edição dos conteúdos retirados das filmagens, designadamente: o processo de seleção fundamental para determinar os conteúdos mais relevantes para o documentário, atendendo ao limite imposto por Rui Faria – 30 a 40 minutos – com o intuito de salvaguardar um espaço adicional para a narração em voz *off* com outras sequências de imagens relevantes para o documentário; a delimitação de uma linha de conteúdos transversal aos vários fragmentos audiovisuais com o objetivo de guiar um possível fio condutor para a narração do filme documentário e a elaboração de um guião para a voz *off* com base nestes conteúdos supramencionados. Para a execução de cada uma destas responsabilidades, foi necessário um exame aprofundado de todos os conteúdos audiovisuais, bem como os textuais já compostos em fases anteriores, incluindo-se aqui o presente relatório de estágio que serviu também como fonte de recurso para visitar os vários pontos do documentário, visto que aglomera toda a exposição narrativa e descritiva ao pormenor do processo da sua constituição na globalidade. No que toca ao fio narrativo do documentário, dada a reflexão ponderada da melhor estratégia a tomar para o entendimento lógico e atrativo para o espetador, optou-se pelo fio temático – coerente com a génese cronológica do projeto –, desde a contextualização da instituição que iniciou todo este processo do projeto à projeção futura do mesmo partilhada pelos vários

entrevistados. Cruzando todas as entrevistas, pode-se construir um guião que liga cada uma delas, de maneira que a montagem das várias filmagens e outros fragmentos adicionais necessários tornasse a história coesa, de modo a dignificar e respeitar todos os símbolos histórico-identitários que são evocados.

Conclusão

A primeira conclusão a retirar da conjugação das dimensões teórica e prática adotadas ao longo da composição do presente relatório de estágio depreende-se precisamente na congruência e na efetiva aplicação das temáticas estudadas e das metodologias de investigação adquiridas ao longo do percurso curricular do mestrado em Relações Internacionais: o Espaço Euro-Atlântico, bem como do não-curricular.

No âmbito desta investigação, coloca-se uma primeira questão: que influências foram estendidas pelos fortes movimentos migratórios a partir do arquipélago dos Açores em direção ao continente americano no campo das Relações Internacionais?

O projeto da Praça do Emigrante poderá, por si só, servir como resposta. Não só pela presença das bandeiras dos destinos de maior incidência de emigração açoriana, gravadas em pedra de calçada portuguesa, no mural de tijolos da praça para a posteridade, mas também pelo apoio e empolgação gerado pelo projeto nas várias comunidades da diáspora açoriana em fase de pré-construção. Foi com base nestas relações internacionais entre Portugal, através da Região Autónoma dos Açores, e os vários destinos de emigração açoriana, por intermédio das suas comunidades açorianas, nomeadamente no Brasil, no Uruguai, nos Estados Unidos da América, nas Bermudas e no Canadá, que se pode construir tal projeto em homenagem aos emigrantes açorianos. Sem o apoio destas comunidades, nos dias que correm, o projeto não teria visto a luz do dia. Não fosse a força e sustentabilidade das relações entre os Açores e a sua diáspora, através de associações como a AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos, que equitativamente existem e se mantém de pé até hoje em virtude dessa mesma sustentabilidade, o projeto não teria qualquer fundamento. A expressão *saudades da terra* não faria qualquer sentido. Dezenas de instituições privadas e/ou públicas que se dedicam a esta causa também não existiriam. Falamos de milhares de pessoas em todo o mundo que se juntaram no propósito comum

de estreitar as relações internacionais, aos vários níveis: social, cultural, económico e consular. A presença dos vários consulados e embaixadas portuguesas em representação diplomática nesses vários países é prova viva disso. Em contrapartida, também se verifica o reverso da moeda, com representações consulares na Região Autónoma dos Açores como é o caso do Consulado dos EUA – o consulado mais antigo desta nação em funcionamento contínuo –, sediado em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, que celebrou recentemente 225 anos de existência, no passado ano de 2020.

Relativamente à segunda componente de investigação do mestrado, coloca-se uma segunda questão: em que moldes se estrutura a reconfiguração do espaço euro-atlântico com o fluxo exponencial de emigração açoriana ao longo dos vários séculos, como foi ecoado através do presente relatório?

A posição geográfica dos Açores pode ser considerada bastante central no contexto dessa que é considerada uma via crucial nas trocas comerciais e nas viagens, ao longo de vários séculos, entre as duas margens atlânticas.

Podemos conjecturar que esta posição geoestratégica do arquipélago açoriano permitiu uma ponte entre os dois mundos – o Velho (continente europeu) e o Novo (continente americano) – visto que: nos primórdios da emigração açoriana para o Brasil, os açorianos assumiram o papel da colonização daquele território, à data, ocupado pelo reino português, expandindo a hegemonia portuguesa e europeia; no século XIX, os Açores serviram como porto de escala para os navios baleeiros, dando origem a mais uma forte onda de emigração rumo ao continente americano, em particular, os EUA e outros locais do Atlântico Norte; a relação com os EUA é especialmente fortificada, inclusive, em virtude da relação de cooperação militar que existe com a utilização da base militar portuguesa na ilha Terceira pelo governo americano, atendendo à ratificação do Acordo de Cooperação e Defesa entre Portugal e os EUA, mais conhecido por Acordo das Lajes,

em 1995; em termos geopolíticos, também se tornou num ativo importante, uma vez que foram criados vários acordos bilaterais com vista a integrar mão-de-obra especializada em áreas de maior carência em países como o Canadá e regiões como as Bermudas e o Havai, já no século XX, estendendo-se alguns até ao século XXI (i.e. Bermudas), entre outras. Os exemplos aqui mencionados são apenas alguns no meio de tantos que poderia estar a citar. Facto é, as ilhas açorianas foram e são um ponto focal e fulcral no eixo do espaço euro-atlântico, numa panóplia de dimensões, nomeadamente, económica, militar, sociocultural, geoestratégica e geopolítica, servindo interesses de várias nações (i.e. EUA, Reino Unido, Canadá, Brasil) e instituições multilaterais (i.e. NATO, UE).

No que toca às metodologias de investigação, posso afirmar que se concebeu aqui também uma relação de complementaridade, uma vez que desenvolvi as práticas metodológicas de investigação teórica aplicadas anteriormente no percurso curricular do mestrado, como também tive a oportunidade de encetar novas estratégias de investigação com o recurso ao trabalho de campo, durante o período de estágio e no processo de elaboração do documentário, instruindo-me de novos métodos, mais concretamente, o método da entrevista. Fazer parte da produção do filme documentário permitiu-me desenvolver novas ferramentas de trabalho, em termos sociológicos, comunicacionais e audiovisuais. No entanto, este processo não se ficou por aí, no que toca o enriquecimento pessoal, profissional e académico. A realização deste projeto proporcionou-me a colaboração com uma visão genuinamente humana e social, ao passo que me permitiu conhecer mais de perto a realidade regional açoriana das suas raízes na emigração e de como estas fazem parte do nosso presente e contribuirão para o nosso futuro, de forma única. Numa partilha de experiências humanas, pude contribuir para que estas permaneçam vivas para a posteridade. Essa é a particularidade mais vantajosa do filme documentário. O retrato intemporal de memórias e narrativas históricas e não-fictícias, de alguma forma,

relevantes para a sociedade. Assim, acabei por ir ao encontro de um dos objetivos na lista prioritária da Associação dos Emigrantes Açorianos, preservar a ligação Açores-Diáspora no seio das gerações futuras.

A AEA como instituição de acolhimento concedeu-me a possibilidade de enfrentar vários desafios, nomeadamente, trabalhar num ambiente completamente novo para mim, ainda que com a sua devida orientação interina. Trabalhar numa associação sem-fins lucrativos foi uma experiência extremamente valiosa, pois inculuiu-me uma série de ferramentas essenciais para o mundo do trabalho, uma vez que envolve, não só a esfera sociocultural e humanista, como também a gestão interinstitucional com parceiros governamentais, autárquicos e privados, o que se complementou com a experiência anteriormente desenvolvida no meu percurso profissional e académico. Graças a esta breve experiência académica e profissional, pude alargar a minha rede de contactos nas mais variadas áreas sociais e profissionais. Outro desafio superado, no seguimento deste projeto, foi a minha colaboração no meio audiovisual, uma área um tanto desconhecida, com a qual me familiarizei, por via da produção do filme documentário. Se pudesse resumir a minha experiência com a Associação dos Emigrantes Açorianos numa frase, seria esta: A AEA permitiu-me adaptar e superar as várias adversidades que o mundo é capaz de nos apresentar. A Associação dos Emigrantes Açorianos que outrora se baseava em modelos de outras instituições sem-fins lucrativos tornou-se num modelo a seguir, dez anos depois, com o contributo de pessoas como Rui Faria que dinamizou a associação de tal forma que hoje pode sagrar-se da inauguração de um projeto magnífico capaz de reunir as pessoas, mesmo em circunstâncias adversas como as que se têm assistido nos últimos tempos, e de outros tantos que foram apontados ao longo do presente relatório.

A Praça do Emigrante é um projeto que, sendo muito acarinhado, desde o início, já é um lugar de união: de pessoas, de propósitos, de sentimentos, de histórias, de memórias, de

culturas, de tributos. Ouso dizer que, no seu âmago, esta praça é um lugar de celebração. Aqui celebra-se a vida, a cultura, a arte, a identidade e história de um povo ilhéu que enfrentou muitos obstáculos, mas que se manteve forte e unido, em terra e no mar, formando os “Açores de Mil Ilhas”, como é hoje apelidado pela AEA. Se existe algo que une os açorianos residentes e emigrantes e até mesmo aqueles que hoje são açorianos por adoção é o amor e orgulho sentidos em ser-se açoriano.

Relativamente à projeção futura da praça, penso que já se está a fazer sentir. Após a sua inauguração no passado ano de 2020, contam-se aos milhares, os que a visitam, sejam residentes, emigrantes ou estrangeiros. Conforme a expectativa gerada pelos principais responsáveis pela sua conceção, como vimos anteriormente, no âmbito do documentário, a Praça do Emigrante já começa a albergar alguns eventos culturais, tanto ao nível expositivo como ao nível cerimonial e/ou festivo, num cenário pós-pandémico. Como o principal ator do projeto, Luís Silva, anteviu, a praça é um lugar cheio de vida e só tem espaço para crescer neste sentido. Creio que continuará a reunir açorianos de todo o mundo, pessoas de todas as origens, pelas mais variadas causas, em conformidade com a pluralidade da sua dimensão. Nas palavras de Carlos Meneses, temos “calçada para o futuro”!

Por fim, considero que a maior lição retirada foi a de que a roda que move o mundo não é materialista e sim, humanista. O humanismo é o que faz o mundo girar. A ligação com o outro. Esta é a verdadeira força por detrás das organizações multilaterais, governativas e associativas. A união das pessoas, num propósito comum. Se queremos vencer os maiores desafios do século XXI, temos de o fazer unidos, em solidariedade.

Referências bibliográficas

Livros

- Andrade, J. (2017). *Açores no Mundo*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições.
- Borges, D. (2019). Celebrando o Nosso Legado Cultural: Porque temos que refletir a nossa comunidade. Em D. Borges, *À Sombra da Saudade*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Borges, D. (2019). Cultura Partilhada é Cultura Viva. Em D. Borges, *À Sombra da Saudade*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Castanho, G. B. (2013). Dos Açores para o resto do mundo. Em E. C. (Coord.), *Ao Redor do Mundo*. Astória, Nova Iorque, EUA: Atlantico Books.
- Cepeda, F. J. (1995). *Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Farias, V. F. (2001). *De Portugal ao sul do Brasil - 500 Anos - História, Cultura e Turismo*. Florianópolis: Ed. do autor.
- Ferreira, A. d. (2008). A geografia física dos Açores. Em A. T. Matos, A. d. Meneses & J. G. Leite, (Dir.), *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.
- Frutuoso, G. (2011). Capítulo quinto: Em que se começa a descrever em circuito toda a costa marítima da ilha de Santa Maria, com a distância das povoações e mais notáveis pontas e baías e ilhéus que há nela, do Castelete, que está ao Oriente, pela banda do Sul, até a ponta do Marvão, junto da Vila do Porto. Em G. Frutuoso, *Saudades da Terra - Livro III* (Vol. III). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Leite, J. G. (2008). A consciencialização de identidade própria. Em A. T. Matos, A. F. Meneses & J. G. Leite, (Dir.), *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX* (Vol. II). Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.
- Leite, J. G. (2017). Condição de ilhéu. Em R. Carneiro, O. T. Almeida & A. T. Matos, (Coord.), *A condição de ilhéu*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa - Universidade Católica Portuguesa.
- Oliveira, Á. (2017). À procura da noção de ilhéu. Em R. Carneiro, O. T. Almeida & A. T. Matos, (Coord.), *A condição de ilhéu*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa - Universidade Católica Portuguesa.
- Pinto-Correia, J. D. (2017). A condição de ilhéu - vivência, memória e testemunho. Em R. Carneiro, O. T. Almeida & A. T. Matos, (Coord.), *A condição de ilhéu*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa - Universidade Católica Portuguesa.
- Rocha, G. (2008). O crescimento da população e os novos destinos da emigração. Em A. T. Matos, A. d. Meneses & J. G. Leite, (Dir.), *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX* (Vol. II). Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

Teses, dissertações e outros trabalhos académicos

Alexandre, F. M. (2016). *A IMPORTÂNCIA DO ASSOCIATIVISMO NA INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA CULTURA*. Lisboa: Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa.

Carvalho, A. C. (2015). *Associativismo e Participação – o Caso da Associação Cultural Desportiva e Social da Ereira*. Coimbra: Escola Superior de Educação - Politécnico de Coimbra.

Comunicações em conferências, congressos ou simpósios

Faria, R. (29 de setembro de 2021a). Discurso de abertura do evento alusivo à apresentação do livro *Caminhos do Divino: um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina* de Lélia Pereira Nunes. Ribeira Grande.

Silva, A. (2010). Migrações em Espaços Insulares: Testemunhos Açorianos. *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares, Actas da Conferência Internacional*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Viegas, J. M. (2009). Associativismo, cidadania e espaço público. *Colóquio Associativismo e Sindicalismo Judiciários*.

Legislação

Associação dos Emigrantes Açorianos. (2016). Estatutos da Associação dos Emigrantes Açorianos. Ribeira Grande.

Constituição da República Portuguesa. (1976). Diário da República n.º 86/1976, Série I de 1976-04-10. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/337/202006091026/diplomaExpandido>

Audiovisuais (multimédia, filmes, registos em vídeo, áudio, cartaz)

Faria, R. (Realizador). (2021c). *Praça do Emigrante* [Filme].

Fontes eletrónicas

AEA - Associação dos Emigrantes Açorianos. (setembro de 2014). Anteprojecto Saudades da Terra. Povoação.

AEA - Associação dos Emigrantes Açorianos. (s.d.). Acesso digital. Ribeira Grande.

Câmara Municipal da Ribeira Grande. (s.d.). Acervo digital. Ribeira Grande.

Centro do Conhecimento dos Açores, Direção Regional da Cultura. (2008). Enciclopédia Açoriana. Angra do Heroísmo, Terceira, Portugal.

Faria, R. (12 de maio de 2021b). PLANO ATIVIDADES 2020. Ribeira Grande, São Miguel, Açores, Portugal.

Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2009). Glossário sobre Migração. Genebra, Suíça.

Endereços Web

Associação dos Emigrantes Açorianos. (s.d.). *Quem somos*. Disponível em: AEA - Associação dos Emigrantes Açorianos, Açores, Portugal: <https://aeazores.org/aeazores/quem-somos/>

GaCS/LM/AIC - Gabinete de Apoio à Comunicação Social. (13 de janeiro de 2021). *Presidente do Governo Regional anuncia medidas mais restritivas para S. Miguel e de apoio à economia*. Disponível em: Portal do Governo dos Açores: <https://portal.azores.gov.pt/web/comunicacao/news-detail?id=2634992>

GaCS/SRSD - Gabinete de Apoio à Comunicação Social/Secretaria Regional da Saúde e do Desporto. (13 de janeiro de 2021). *Comunicado da Autoridade de Saúde Regional*. Disponível em: Portal do Governo dos Açores: <https://portal.azores.gov.pt/web/comunicacao/news-detail?id=2617308>

Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2021). *About IOM*. Disponível em: International Organization for Migration (IOM): <https://www.iom.int/about-iom>

Partido Social Democrata. (14 de maio de 2021). *João Bosco Mota Amaral*. Disponível em: Partido Social Democrata: <https://www.psd.pt/pt/joao-bosco-mota-amaral>

Wikipedia, the free encyclopedia. (16 de maio de 2021). *COVID-19 pandemic*. Disponível em: Wikipedia, the free encyclopedia: https://en.wikipedia.org/wiki/COVID-19_pandemic

XXII Governo da República Portuguesa. (dezembro de 2020). *Atualização: Medidas Natal e Ano Novo*. Disponível em: não paramos, ESTAMOS ON, A RESPOSTA DE PORTUGAL À COVID-19: <https://covid19estamoson.gov.pt/atualizacao-medidas-natal-e-ano-novo/>

Anexos

Anexo 1 – Fotografias ilustrativas do anteprojeto ao produto final da Praça do Emigrante



Figura 1 – Fotografia do anteprojeto Saudades da Terra, incluindo o globo Saudades da Terra de Luís Silva e a criação Shore-to-Shore de Luke Marston, 14 de setembro de 2014, Água Retorta, Povoação.



Figura 2 – Fotografia ilustrativa da Vista Centro da Praça do Emigrante, 14 de setembro de 2014.

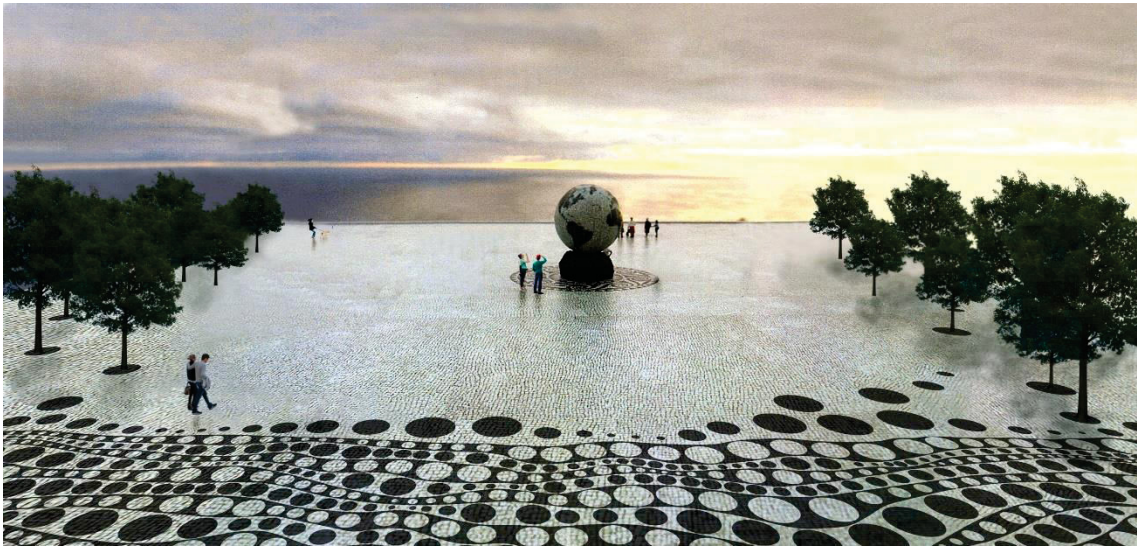


Figura 3 – Fotografia ilustrativa da Vista Mar da Praça do Emigrante com a Calçada dos Mundos, 17 de setembro de 2016.

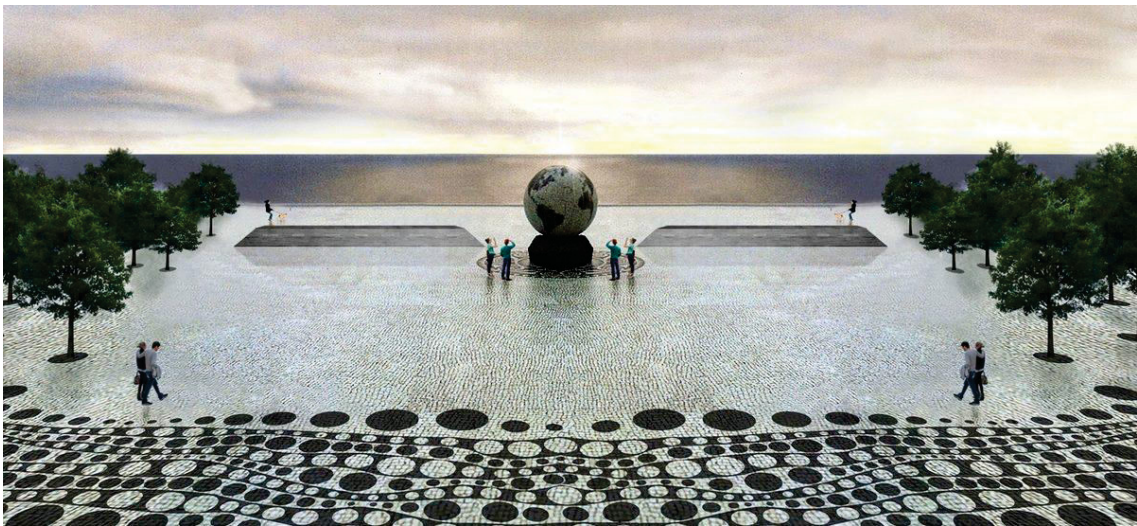


Figura 4 – Fotografia ilustrativa da Vista Mar da Praça do Emigrante, na sua versão final com os murais de tijolos junto ao mar.

Anexo 2 – Guiões de entrevistas (documentário)

GUIÃO DE ENTREVISTA I

LUÍS SILVA – CONCEÇÃO ARTÍSTICA

1. De onde nasceu a ideia de criar uma associação de apoio ao emigrante açoriano, a AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos?
2. A sua experiência pessoal esteve no cerne da fundação da associação?
3. Qual é o papel fundamental da AEA?
4. A AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos fez recentemente 10 anos. Qual é o balanço que faz e como antevê o futuro desta associação?
5. Na sua opinião, acredita que a AEA deu importantes passos para uma melhor integração e/apoio à comunidade emigrante dos Açores e até para um estreitamento das relações entre os Açores, a chamada “terra-mãe” por vós, e as comunidades açorianas emigradas da diáspora? Se, sim, em que aspetos?
6. Como nasceu a ideia do monumento *Saudades da Terra*?
7. Porquê na Ribeira Grande?
8. Do monumento à Praça, quais foram os momentos e as pessoas mais importantes (Filomeno Jorge, Louis Borges, Eng. Luís Gonzaga...Alexandre Gaudêncio, Rui Faria... Raposo...)
9. Sei que no início seria a *Praça Saudades da Terra*, mas foi alterada para *Praça do Emigrante*, porquê?
10. Qual foi o papel do calceteiro Carlos Meneses no projeto do monumento e Praça? Porquê ele?
11. Como foi impulsionar esse projeto do monumento e da Praça da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos em conjunto com Luke Marston, o

Governo Regional dos Açores e a Câmara Municipal da Ribeira Grande? Quem contribuiu com o quê?

12. Tendo estes apoios, como foi recebido este projeto pelo Governo e pela Câmara da Ribeira Grande, respetivamente?
13. Se não tivesse tido a experiência de emigrante, acha que teria tido esta ideia do monumento *Saudades da Terra*?
14. Por fim, como é que antevê a *Praça do Emigrante*, no futuro? (Muito mais preenchida com tijolos/placas em homenagem a emigrantes açorianos; mais visitada...)

ALEXANDRE GAUDÊNCIO – PRESIDENTE DA CÂMARA, COORDENAÇÃO DO PROJETO

1. A emigração faz parte do concelho da Ribeira Grande? Em que aspetos?
2. De que modo está representada a emigração na Ribeira Grande?
3. A Câmara da Ribeira Grande tem um Gabinete de Apoio ao Emigrante.
Descreva-nos sucintamente o papel deste serviço.
4. O Museu da Emigração fez recentemente 15 anos. Considera ser um marco histórico-cultural de grande riqueza para o património cultural e demográfico do concelho?
5. A Praça do Emigrante foi uma iniciativa da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos e da Câmara Municipal da Ribeira Grande. Quando foi que este projeto chegou às suas mãos?
6. Qual foi a sua primeira impressão do projeto?
7. Porque decidiu aceitar este projeto?
8. Do que resultou a atual escolha de localização da praça?
9. “Saudades da Terra” foi o nome escolhido para a peça de arte pública central da Praça do Emigrante, expressão utilizada por Gaspar Frutuoso, vigário ribeiragrandense e o primeiro emigrante de São Miguel. Considera esse legado deixado por Gaspar Frutuoso fundamental não só para os micaelenses e açorianos, mas especialmente, para os ribeiragrandenses?
10. Acha importante manter e fortalecer as relações entre os Açores e as comunidades açorianas da nossa diáspora? Que contributos podem advir dessas relações para os açorianos?

11. Acredita que a edificação da Praça do Emigrante é um marco na representação dessas mesmas relações? Na sua opinião, que impacto terá no futuro para os açorianos e, em especial, para os ribeiragrandenses?

GUIÃO DE ENTREVISTA III

LILIANA LOPES - ARTISTA

1. Liliana, conte-nos então um pouco sobre a sua profissão e como foi o seu percurso até aqui.
2. Como foi que recebeu o convite para fazer a *Calçada dos Mundos* para a *Praça do Emigrante*?
3. Foi um processo rápido ou teve mais do que uma ideia para o projeto?
4. Tendo sido escolhido o projeto final, *Calçada dos Mundos*, como foi, para si, ver o seu projeto ao vivo na Praça?

GUIÃO DE ENTREVISTA IV

RUI FARIA - APOIO

1. Como é que se veio a envolver no mundo da emigração?
2. O que nos pode dizer acerca do associativismo, na teoria e na prática?
3. Atualmente, qual é o papel fundamental da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos?
4. Exercendo os interesses dos emigrantes açorianos em várias frentes, como funciona a interinstitucionalidade? O que está na lista prioritária de objetivos a cumprir que implique este trabalho de cooperação e articulação interinstitucional?
5. Em termos estatísticos, quais são os números relativos ao ano de 2020, num contexto pandémico, de emigrantes açorianos e de emigrantes regressados aos Açores?
6. Tendo em conta estes dados, qual é o balanço que faz em contraste com as últimas décadas do século XX? O que mudou?
7. O mercado da Saudade torna-se aqui um fator-chave para as ligações açorianas com as suas comunidades da diáspora. Foi neste sentido que a associação impulsionou o projeto do monumento “Saudades da Terra” de Luís Silva que veio a culminar numa peça de arte pública, agora conhecida como Praça do Emigrante?
8. Atendendo aos desafios que se colocam hoje, tanto ao nível da pandemia como da crise agravada da nossa cultura no quadro açoriano como no quadro nacional, certamente não previsto durante a fase prévia à edificação da Praça do Emigrante, como é que perspetiva a praça no que toca ao impacto esperado

nos açorianos e nas comunidades e no que concerne as expetativas de cariz cultural?

9. Por último, acredita que este marco representativo da emigração açoriana e das suas relações com as comunidades poderá ser, de facto, um novo ponto atrativo para as gerações mais novas e futuras dessas mesmas comunidades?

GUIÃO DE ENTREVISTA V

CARLOS MENESES - CALCETEIRO

1. Quando é surgiu este seu ofício que lhe designou como mestre calceteiro?
2. Sempre trabalhou com a calçada portuguesa?
3. Como recebeu esta oportunidade de trabalhar no projeto da Praça do Emigrante?
4. Como foi trabalhar com Luís Silva e Liliana Lopes?
5. A Praça do Emigrante é uma peça de arte pública única no arquipélago dos Açores exatamente por ser feita de calçada portuguesa. Sendo o mestre calceteiro desta obra, como é que isso o faz sentir?
6. Ao ver a praça edificada, gostou do seu resultado final?

GUIÃO DE ENTREVISTA VI

FERNANDO MONTEIRO - M. ARQUITETOS

1. Como nasceu a M. Arquitetos?
2. Quais foram os maiores desafios do projeto arquitetónico da Praça do Emigrante?
3. De que modo foi articulado o trabalho arquitetónico com a visão artística de Luís Silva e Liliana Lopes, na Praça?
4. Acredita que a Praça do Emigrante foi um projeto fundamental no combate à gentrificação dos dias de hoje, complementando-se com a contemporaneidade, fundindo-se na urbe da Ribeira Grande, mas prolongando a visão atlântica?
5. O que faz da Praça do Emigrante uma peça de arte pública única e mesmo, em contexto pandémico, tão visitada?

GUIÃO DE ENTREVISTA VII (versão portuguesa)

LUKE MARSTON - ARTISTA

1. Como surgiu a ideia de desenhar o monumento ao Portuguese Joe?
2. Qual é a história de Portuguese Joe? Qual é a sua tribo? Pode contar-nos mais sobre ela.
3. Como foi ver a sua obra de pé aí no Canadá?
4. Como recebeu a ideia de trazer o Shore-to-Shore para o monumento Saudades da Terra aqui na Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, nos Açores?
5. Apesar de ainda não ter tido a oportunidade de ver o monumento e a Praça ao vivo, o que sentiu quando teve a notícia ou viu as fotografias da obra concluída?
6. Espera poder vir a vê-la ao vivo no futuro?

INTERVIEW SCRIPT VII (versão inglesa)

LUKE MARSTON - ARTIST

1. How did you come up with the idea to design the monument to the Portuguese Joe?
2. What is the story of the Portuguese Joe? What is your tribe? Can you please tell us more about it?
3. What was it like to see your work of art on its feet up there in Canada?
4. How did you receive the idea of taking the *Shore-to-Shore* to the *Saudades da Terra* monument in Ribeira Grande on the island of São Miguel in the Azores?
5. Although you have not yet had the opportunity to see the monument and the Emigrant Square in person, how did you feel when you heard the news or saw the photos of the finished work?

6. Do you hope to be able to see it live in the future?

GUIÃO DE ENTREVISTA XI

RUI FARIA - APOIO

10. Como é que se veio a envolver no mundo da emigração?
11. O que nos pode dizer acerca do associativismo, na teoria e na prática?
12. Atualmente, qual é o papel fundamental da AEA – Associação dos Emigrantes Açorianos?
13. Exercendo os interesses dos emigrantes açorianos em várias frentes, como funciona a interinstitucionalidade? O que está na lista prioritária de objetivos a cumprir que implique este trabalho de cooperação e articulação interinstitucional?
14. Em termos estatísticos, quais são os números relativos ao ano de 2020, num contexto pandémico, de emigrantes açorianos e de emigrantes regressados aos Açores?
15. Tendo em conta estes dados, qual é o balanço que faz em contraste com as últimas décadas do século XX? O que mudou?
16. O mercado da Saudade torna-se aqui um fator-chave para as ligações açorianas com as suas comunidades da diáspora. Foi neste sentido que a associação impulsionou o projeto do monumento “Saudades da Terra” de Luís Silva que veio a culminar numa peça de arte pública, agora conhecida como Praça do Emigrante?
17. Atendendo aos desafios que se colocam hoje, tanto ao nível da pandemia como da crise agravada da nossa cultura no quadro açoriano como no quadro nacional, certamente não previsto durante a fase prévia à edificação da Praça do Emigrante, como é que perspetiva a praça no que toca ao impacto esperado

nos açorianos e nas comunidades e no que concerne as expetativas de cariz cultural?

18. Por último, acredita que este marco representativo da emigração açoriana e das suas relações com as comunidades poderá ser, de facto, um novo ponto atrativo para as gerações mais novas e futuras dessas mesmas comunidades?

Anexo 3 – Fotografias (*backstage* do documentário)



Figura 5 – Luís Furtado, Silvia Tavares, Luís Silva e Rui Faria junto ao globo Saudades da Terra, na Praça do Emigrante, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 6 – Luís Furtado, Silvia Tavares e Luís Silva junto ao mural das bandeiras e ao mural de tijolos, na Praça do Emigrante, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 7 – Luís Silva, Sílvia Tavares e Luís Furtado em cima da Calçada dos Mundos, na Praça do Emigrante, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 8 – Luís Furtado, Sílvia Tavares e Luís Silva junto à janela com vista para a Praça do Emigrante da Biblioteca e Centro Documental do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 9 – Luís Furtado, Sílvia Tavares, Luís Silva e Rui Faria junto à maquete da Praça do Emigrante, no Museu de Emigração Açoriana, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 10 – Luís Furtado, Leonor Arruda, Luís Silva e Sílvia Tavares junto aos painéis expositivos, no Museu da Emigração Açoriana, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 11 – Luís Silva, Sílvia Tavares e Luís Furtado junto aos baús dos emigrantes açorianos, no Museu da Emigração Açoriana, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 12 - Alexandre Gaudêncio, Sílvia Tavares e Luís Furtado no Salão de Reuniões dos Paços do Concelho da Ribeira Grande, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 13 – Alexandre Gaudêncio, Sílvia Tavares e Luís Furtado no Salão de Reuniões dos Paços do Concelho da Ribeira Grande, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 14 – Alexandre Gaudêncio, Sílvia Tavares e Luís Furtado na zona verde da Praça do Emigrante, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 15 - Alexandre Gaudêncio, Sílvia Tavares e Luís Furtado na zona verde da Praça do Emigrante, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 16 - Luís Furtado, Alexandre Gaudêncio e Sílvia Tavares na zona verde junto ao muro com vista para o mar da Praça do Emigrante, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 17 – Luís Furtado, Liliana Lopes e Sílvia Tavares no hall de entrada do Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 18 – Liliana Lopes, Sílvia Tavares e Luís Furtado no hall de entrada do Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 19 – Luís Furtado, Liliana Lopes e Sílvia Tavares no hall de entrada do Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 20 – Rui Faria, Rogério Lopes, Liliana Lopes e Sílvia Tavares na varanda de um quarto do 1º andar com vista para a Praça do Emigrante, no Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 21 – Rui Faria no hall de entrada do Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 22 – Sílvia Tavares e Rui Faria, no hall de entrada do Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 23 – Luís Furtado e Carlos Meneses, junto ao mural de tijolos, na Praça do Emigrante, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 24 – Sílvia Tavares e Carlos Meneses na Praça do Emigrante, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 25 – Fernando Monteiro, Silvia Tavares e Luís Furtado na sala de reuniões da sede do grupo m-arquitectos, abril de 2021, Ponta Delgada, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)

Anexo 4 – Fotografias (capturas de ecrã do documentário)



Figura 26 – Luís Silva junto à janela com vista para a Praça do Emigrante da Biblioteca e Centro Documental do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores



Figura 27 – Luís Silva junto aos painéis expositivos, no Museu da Emigração Açoriana, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores



Figura 28 – Luís Silva e Sílvia Tavares junto aos painéis expositivos e à bandeira do Espírito Santo, no Museu da Emigração Açoriana, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 29 – Luís Silva e Sílvia Tavares junto aos baús dos emigrantes açorianos, no Museu da Emigração Açoriana, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 30 – Luís Silva junto à maquete da Praça do Emigrante, no Museu de Emigração Açoriana, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores



Figura 31 – Luís Silva junto ao painel expositivo sobre a emigração para o Canadá, no Museu de Emigração Açoriana, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores



Figura 32 - Alexandre Gaudêncio no Salão de Reuniões dos Paços do Concelho da Ribeira Grande, fevereiro de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores



Figura 33 – Liliana Lopes no hall de entrada do Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores



Figura 34 – Liliana Lopes e Sílvia Tavares na varanda do quarto do 1º andar com vista para a Praça do Emigrante, no Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 35 – Rui Faria no hall de entrada do Hotel Verde Mar & SPA, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores



Figura 36 – Carlos Meneses junto ao mural de tijolos, na Praça do Emigrante, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores



Figura 37 – Silvia Tavares e Carlos Meneses junto ao desenho Shore-to-Shore e ao globo Saudades da Terra, na Praça do Emigrante, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 38 – Sílvia Tavares e Carlos Meneses na Praça do Emigrante, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 39 - Sílvia Tavares e Carlos Meneses na Praça do Emigrante, março de 2021, Ribeira Grande, São Miguel, Açores (Da esquerda para a direita)



Figura 40 – Fernando Monteiro na sala de reuniões da sede do grupo m-arquitectos, abril de 2021, Ponta Delgada, São Miguel, Açores

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal